

— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

• A NOVELLA POPULAR •

N.º 127



Aventuras extraordinarias dum policia secreta

Os pècegos malditos



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA DE SOUSA
COMPRADA NA EMPLUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL 23, PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO
60
REIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL 23, LISBOA

Encyclopedia Popular

Collecção de obras de vulgarisação

• científica ao alcance de todos •

Vulgarisar todos os conhecimentos humanos em poucas obras, de maneira a desenvolver nos menos instruídos o gosto pelos estudos científicos, tão necessários para a educação do povo, eis o fim a que visa esta primeira collecção, que en. terrá verdadeiras obras primas, devidas ao talento dos maiores escriptores mundiaes.

Está publicado o primeiro volume:

Como pode acabar o mundo

Segundo a sciencia e segundo a religião

por C. de KIRWAN

Livro de sciencia popularizada, a obra que inicia a série da *Encyclopedia Popular*, tem obtido no estrangeiro o mais colossal dos êxitos.

No prelo:

Atravéz do Espaço, por Camillo Flammarion
Os Mundos desaparecidos, por Zaborowsky
As Estrelas e os cometas, por Secchi
O Panorama dos Seculos, por J. Weber
A Intelligencia e o cerebro, por G. Mathieu
Maguetismo e Espiritismo, por G. Darville
O Alcoolismo e os seus estragos, por Serieux
e Mathieu
A Physiologia de Espirito, por Paulhan, etc. etc.

100 RS. CADA VOLUME BROCHADO E 100 RS. TITIDAMENTE IMPRESSO

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados tres volumes

- | | |
|---|-----|
| I Obscencias primitivas—A Prostituição na Antiguidade | 200 |
| Impudencias de Roma Primitiva—Devasaão dos Romanos | 19 |
| III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos | 200 |

No prelo:

- | | |
|--------------------------------------|-----|
| IV (o ultimo volume) Tempos modernos | 200 |
|--------------------------------------|-----|

Um romance completo por

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

200 REIS

==CADA VOLUME CONTEM==
== 14:00 LINHAS ==
== DE LEITURA EMPOLGANTE ==

Volumes publicados:

O homem das multidões, de *Pierre Zaccane*.
O casamento d'um forçado, de *A. Bouvier*.
A agiota maldita, de *Jules Gastagne*.
Os Facas d'Ouro, por *Paulo Fieau*.
As filhas do povo, por *Alexis Bouvier*.

No prelo:

A EXPIAÇÃO

◆ Sensacional romance de JULIO MARY ◆

Estes romances, seleccionados com escurpulososa attenção, compoão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

• REIS • um bom romance completo

100 maneiras de nos COM ARMAS

200 RS. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

◆ ◆ Edições luxuosissimas ◆ ◆ ◆
◆ ◆ com bellas e numerosas gravuras intercaladas ◆ ◆ ◆
◆ ◆ ◆ no tope ◆ ◆ ◆

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edções luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditoso lar, por *Marcel Prevost*.
II—Raphrodite, por *Perre Louys*.
III—Prima Laura, por *Marcel Prevost*

500 RS. Preço de cada volume 500 RS. brochado

Numero 127

Lisboa, 23 de Novembro de 1911

Anno III

OS PECEGOS MALDITOS

CAPITULO I

Assassinato ou suicidio?

—Creio que um pequeno passeio vae fazer-nos bem, Harry, disse *Sherlock Holmes*, o grande criminalista, ao seu ajudante. Sinto-me um tanto fatigado; se fossemos até *Regents-park*? O tempo está maravilhoso hoje. Entretanto, de caminho, podemos passar por casa de *Ben Colford*. Sem relógio é que um homem não pode fazer nada.

—*All right*, mestre. *Colford* disse-me que o relógio fica concertado esta noite, quer que suba á loja d'elle e traga o seu chronometro?

—Não é preciso. Eu vou comigo.

Sairam ambos. Como ficara combinado foram-se encaminhando na direcção da afamada relojoaria de *Ben Colford*. Iam precisamente a entrar no estabelecimento, quando o proprietario em pessoa, com o semblante transtornado, se precipitou pela escada, esbarbando com os recém vindos.

—Caramba, amigo *Colford*! exclamou *Sherlock Holmes* espantado. Que ha de novo? Onde vae com essa pressa toda?

—Ah! E' o sr. Holmes... Que feliz acaso! Diti-

gia-me agora a sua casa. Creio que se passaram coisas muito extraordinarias em casa do sr. *Morris Block*.

—Bem sei; o velho agiota que mora no segundo andar em frente das suas officinas, n'um quarto que dá para as trazeiras...

—Esse mesmo. Estava eu ha pouco a ajustar o seu relógio quando se abriu a porta do meu vizinho e o sr. *Block* appareceu no limiar, rubro de cora. No mesmo instante ouvia-se um tiro atraz d'elle.

«O agiota entrou outra vez em casa, a porta fechou-se no mesmo instante e ainda senti correrem os ferrolhos por dentro...

«O sr. *Holmes* sabe perfeitamente que apesar de me não ser muito sympathica essa creatura, nos damos sempre bem como vizinhos.

«Atravessi por isso o patamar para saber o que se passava. Está claro que eu não podia abrir a porta, e apesar de chamar e bater o mais que pude, ninguem me respondeu lá de dentro. Foi como se não houvesse viv'alma em casa do homem. Os furdaveis soccos que despedi na porta d'elle foram completamente inuteis...

«Suppoz então que alguém acabasse de praticar um crime em casa de *Block*, e dirigia-me portanto a sua casa para ouvir a sua opinio.

—Em todo o caso a primeira coisa que temos a fazer é avisar a policia d'este singular acontecimento, respondeu *Sherlock Holmes*.

«Harry, váe n'um pulo á esquadra proxima e conta o que se passou em Bakerstreet, n.º 2».

«Entretanto, o sr. Colford e eu subimos até as officinas e lá esperamos que venham os agentes».

«Não gostava de me metter no caso antes de vir a policia».

E enquanto Harry se dirigia o toda a pressa ao posto de policia, que ficava em frente, Colford e Sherlock Holmes subiram a escada e pararam no patamar superior.

«Ali tem a porta de Morris Block, disse o relojoeiro. Aqui, á esquerda é o meu quarto. Como vê, ainda a porta aberta, para entrar um bocado de fresco. Estava eu sentado a trabalhar de forma a poder ver bem o que se passava á porta do agiota... E vi-o, com effeito, vi-o apparecer no limiar segundos antes da detonação».

«Tenho a certeza de que me não enganei».

«Parece que o senhor liga especial importancia ao facto de ter sentido o tiro depois de ter visto Block, ponderou Sherlock Holmes».

«Porque foi isso o que se passou, disse Colford. Mas, segundo supponho, o agiota estava só em casa. Não comprehendendo, pois, quem poderia ter disparado o tiro no interior, nem a razão porque elle tornou a entrar precipitadamente, fechando logo a porta outra vez...»

«Tambem não percebo por que é que Block me deixou bster tanto tempo e com tal violencia sem se incommodar a responder uma palavra».

«Realmente não ouvia lá dentro o mais pequeno ruido? tornos o criminalista».

«Não. E o barulho das pendulas da minha officina não é tão enardecedor que me impedisse de ouvir qualquer coisa, por subtil que fosse».

«A sua porta estava aberta ha muito tempo?»

«Talvez ha meia hora».

«Durante esse tempo não notou que Block recobesse qualquer vista?»

«Absolutamente ninguém».

«Mas é possível que antes d'isso tivesse entrado em casa de Block algum individuo...»

O relojoeiro encolheu os hombros.

«Sim, mas n'esse caso devia ter chegado em bicos de pés e não ter feito barulho algum com a porta. Somto, alguma coisa havia de ter ouvido».

«Está bem, murmurou Holmes após curtos instantes de reflexão. O inquerito da policia, em que eu proprio tomarei parte, alguma coisa ha de conseguir aclarar do mysterio. E tentonava eu ir passear um bocado...»

«Diga-me: está prompto o meu chronometro?»

Como unica resposta, Colford arrastou o brandamente junto da sua mesa de trabalho e entregou-lhe um relógio—uma pequena maravilha cravejada de bri-

lhantes, presente feito a Sherlock Holmes por um riquissimo cliente em signal de reconhecimento por grandes serviços prestados».

«Aqui o tem. A machina funciona perfeitamente. Com certeza que não existe agora relógio algum em Londres que trabalhe melhor que este».

Sherlock Holmes examinou o relógio.

«Bello. Faltava então um quarto para as sete quando o Block appareceu á porta?»

«Nem mais, nem menos. E não erro um minuto, por que precisamente n'esse momento acertava eu o meu chronometro».

Holmes acabava de pagar o preço ajustado quando appareceu Harry com a policia e um medico.

Colford contou rapidamente a scena a que assistira e as agentes resolveram arrombar a porta.

Entraram todos.

Logo aos primeiros passos na elegante casa de entrada deparou-se-lhes o cadaver do usurario estendido em frente do fogão com uma bala na testa.

Em vão procuraram a arma que devia ter disparado o tiro.

Não havia sequer vestigios de luta.

As cadeiras e os moveis estavam todos no seu lugar.

Parecia que ninguém mais estivera no aposento além de Morris Block.

Todas as janelas estavam fechadas; só uma coisa despertou logo a attenção dos agentes, a de Sherlock Holmes e especialmente a de Colford.

Em cima da pedra do fogão estava um relógio de sala com o vidro emmalhada.

Devia ter sido desapeçado por uma bala destinada ao agiota.

O eixo dos ponteiros estava por certo danificado visto que nem o das horas nem o dos minutos se podiam mover.

Não mostrador via-se um barao, evidente vestigio da bala.

Entretanto o medico verificava que o tiro fora dado, conforme as declarações de Colford, exactamente ás sete horas menos um quarto.

Manifestou egualmente a opinião de que não houvera luta. A morte de Block, produzida pela bala no cerebro, devia ter sido instantanea.

Ao mesmo tempo declarou não acreditar na hypothese de um suicidio.

«Esta ligeira ecchymose na palma da mão direita foi feita por outra pessoa, affirmou elle».

«Imagina que Morris Block tinha na mão uma arma de fogo com que se pretendia defender de alguem».

«O outro tirou-lhe violentamente o revolver ou a pistola, disparou e fugiu».

O inspector de policia meneou a cabeça:

«Sim, mas no tapete não se vê o menor vestigio. Nada indica que o qualquer pessoa tivesse saído para o corredor ou para o quarto de dormir contiguo. As janelas estão todas fechadas...»

«Ah, perdão! interrompen Sherlock Holmes com um leve sorriso. Se o senhor inspector quer ver com os seus olhos, aqui tem por exemplo esta janella ao lado do quarto de dormir foi indubitavelmente aberta de fora com a lamina de uma faca introduzida entre os caixilhos».

«Mas como podia um homem chegar á altura da janella? tornou o inspector com um gesto de incredulidade».

«Qualquer gymnasta rasocaelo e poderia fazer sem lhe custar muito. Não vê a varanda que ha em baixo, pertencente ao segundo andar? Não vê as portas da sacada, abertas para fora?»

«Porque motivo não havia de servir-se d'ellas, como ponto de apoio precioso, qualquer homem arrojado e seguro da sua agiliade que pretendesse visitar Morris Block sem dar nas vistas?»

«Fodia tal» feito com a certeza de que ninguém dava com a sua presenca».

«Como vê, esta janella dá para um pateo profundo e estreito, onde mal consegue penetrar a luz do dia...»

«Compartilho pois da opinião do doutor, e estou convencido que Block, pouco antes de morrer, se avistou aqui com um individuo muito habituado a exercicios gymnasticos, talvez até um acrobata».

«Apezar d'isso affirmo tambem com a mais profunda convicção de que não nos encontramos em presenca d'um assassinado, mas sim de um suicida».

«Impossivel! exclamaram a um tempo o medico e o inspector de policia. Como poderia demonstrar-se tão singular affirmação?»

Sherlock Holmes aproximou-se do fogão e pegou no relógio cujo mostrador apresentava vestigios evidentes de uma bala, abriu-lhe o tampo posterior e mostrou aos circumstantes o machinismo avariado.

«Vêem esta bala que ficou entalada entre as rodas dentadas? Affirmo-lhes que é a mesma que atravessou o cranio do suicida».

«Morris Block estava de pé, encostado ao fogão e de costas voltadas para o relógio quando deu o tiro nos miolos».

«E' facil convencermos-nos d'isso examinando a posição em que o corpo se encontra no solo».

O doutor veio verificar agora que o buraco da sahida da bala na região occipital é tão facil de descobrir como o do orificio de entrada ao meio da testa.

«Não ha duvida, murmurou o medico, examinando o cadaver. Foi na verdade um singular acaso que a bala encontrasse precisamente o relógio no seu trajecto...»

«Digamos antes: uma manifestação da Providencia, tornou gravemente Sherlock Holmes, pois existe assim uma testemunha muda, mas de indiscutivel eloquencia, que demonstra ser innocente na morte de Block o individuo que n'este aposento se encontrava com elle».

«Como? perguntou, um pouco contrariado o inspector».

«Como! Por que o testemunho do relógio confirma em absoluto as declarações do sr. Colford sobre o que elle presenciou antes de ouvir o tiro».

«Sr. Colford, tenha a bondade de repetir a estes senhores o que ha pouco me contou quando cheguei a sua casa...»

«Dizia eu, replicou Colford, que precisamente no instante em que me dispunha a acortar o seu relógio—eram seis horas e tres quartos em ponto—vi abrir-se a porta de Morris Block e apparecer um homem no limiar, que recombeu como o proprio agiota em pessoa».

«Meio minuto depois, pouco mais ou menos, ouvi no interior uma detonação».

«E' impossivel admitir que o tiro fosse disparado pela pessoa que estava á porta, por que só depois d'ello Block tornou precipitadamente a entrar em casa, fechando a porta acto continuo».

Sherlock Holmes tomou novamente a palavra.

«Muito bem, meus senhores. Agora tenham a bondade de examinar com attenção este relógio de sala».

«A bala que apanhou o eixo dos ponteiros obrigou-se a parar exactamente no momento em que o sr. Colford diz ter ouvido a detonação e em que o corpo de Block deve ter caído sobre o tapete».

«Os ponteiros paramam precisamente ás seis horas, quarenta e cinco minutos e trinta segundos».

«Não contesto, tornos o inspector. Mas quem nos garante que o relógio estava certo? Quem pode affirmar sequer que elle não estava parado?»

«Quanto á primeira hypothese, acudiu o relojoeiro, um tanto estimulado no seu amor proprio, garantio só minima palavra de honra que o relógio trabalhava como um chronometro. Ainda esta tarde o dono m'o tinha levado a examinar. Quanto á segunda duvida, basta olharmos para a mola e convencer-nosmos que não estava realmente parado quando foi dado o tiro».

Ainda Colford não tinha bem pronunciado as ultimas palavras, já um novo personagem entrava no aposento. Era o sr. Gordon, chefe supremo da policia de Scotland, que fora prevenido telefonicamente pelo inspector apenas este tivera conhecimento da occorrença.

Em pouco tempo foi posto ao facto do que se passava pelo seu subordinado.

A opinião de Sherlock Holmes, escutou-a com um ligeiro sorriso da boca nos lábios.

— Não creio, ponderou o chefe, que naturalmente, como todos os seus colegas, tinha pela fama do celebre criminalista uma pontinha de inveja. A hypothese apresentada pelo sr. Sherlock Holmes é realmente sedutora e tem qualquer coisa a seu favor. Pelo menos não se lhe pode negar uma estrutura habil. Mas que Morris Block se tivesse collocado exactamente n'este sitio, disparando de forma a que a bala, depois de lhe atravessar o cráneo, tivesse fôlho para o relógio precisamente trinta segundos depois das seis e tres quartos... Parece-me em todo o caso muito coincidência ao mesmo tempo.

— Por mim devo confiar que me inclino mais para a opinião do nosso digno «cormor» e dr. Child, o qual suppõe com bastante verosimilhança que Block foi assassinado com um tiro disparado provavelmente por alguém que se emboscasse na janella.

«O sr. Colford, depois de reconstituir novamente factos com todo o cuidado, não irá por certo jurar que ouviu o tiro quando ainda o homem se encontrava no limiar da habitação».

«Estão convencido de que a memoria o atiração n'este ponto».

«O susto deve ter originado qualquer confusão no seu capitulo».

«E' evidente, meus senhores, Block não possuía o dom da ubiquidade. Suicidas e juras do fugido e encontrar-se ao mesmo tempo á porta da casa, que dista áqui pelo menos dez passos, attinge as raias do absurdo».

«Quanto á regularidade chronométrica do relógio, permitam-me que lhes conte uma pequena historia».

«Tambem uma vez houve um collega seu, senhor Colford, que solemnemente me garantiu mais vez ter ascertado o meu relógio, depois de o regular com o mais meticoloso cuidado pelo tempo normal. Dirigi-me ao meu gabinete e trabalhei tranquillamente, embora a minha presença fosse indispensavel á uma hora determinada em certo local de Londres, onde me chamavam negocios de alta importancia. Pois sabem qual de lá chegou? Meia hora mais tarde, porque o meu relógio trabalhava com meia hora de atraso».

E com um sorriso indelével voltou-se para Sherlock Holmes, dizendo:

— A unica coisa que lhe resta fazer, meu caro sr. Holmes, é apresentar-nos o mysterioso oswaldinho que aqui esteve ha pouco com Morris Block, para escutarmos as suas declarações. Já sabe muito bem; sou como S. Thomé: ver, para crer».

— E é pena que o seja, tornou o criminalista. Se não me engano, comtado, já muitas vezes o tenho fôlto a mudar de opinião».

«Espero firmemente que o conseguirei ainda d'es-

ta vez. Apresentar-lhe-hei esse homem a idé gualdo pela citar convencido á vontade que se trata de um assassino».

Enquanto fallava, Sherlock Holmes pegava n'um pedaço de papel que se encontrava sobre a mesa, e ao levantá-lo, descobriu um papel completamente amarrado.

— Ao examiná-lo, deparou-se-lhe uma carta escripta para Morris Block, que escapara aos inquiritorios olhares dos policias profissionais».

A carta continha poucas linhas.

Sherlock Holmes leu o seguinte:

«As aguas tranquilas do Hudson não enculham ha dois annos, conforme suppozeste, aquella que, na tua opinião ali desaparecerá para sempre. Vive ainda e visitar-te ha hoje. Espera-o em casa, pois tem coisas importantes a communicar-te a respeito de M. Não me obrigues a ir em vão, pois por mais que te quizesse esconder, saberia descobri-lo sempre e onde quer que te occultasses».

«Temos que ajustar as nossas contas, de outra forma não se calará por mais tempo».

«O supposto morto».

Sem uma palavra, Sherlock Holmes entregou ao chefe de investigação criminal a mysteriosa carta. Gordon percorreu-a rapidamente com os olhos. Desenhou-se-lhe nos lábios um sorriso de triumpho...

— Então, que diz a isto, sr. Holmes? perguntou elle em tom levemente tristonho. Não está aqui um documento a comprovar a minha opinião e a do senhor doutor?

— Efectivamente, assim parece á primeira vista. Deprehendo-se da carta que Morris Block commettera em tempos um crime contra o autor da carta, e que, no «ajuste de contas», aquella tenha sido assassinado por este».

As considerações de Sherlock Holmes foram interrompidas por uma exclamação alegre do inspector de policia.

— Num armário do quarto cuja porta parecia estar fechada tinha o agente descoberto grande profusão de papéis, com algumas folhas de «coupons» á mistura, lida na mais completa desordem».

Antes que o assassino de Block tivesse tido pella janella, aquella descoberta parecia indicar que tivesse fôlto ali basta colheita.

O roubo das notas do banco que deviam estar no armário apparecia agora com eloquente evidencia».

Provavelmente, o criminoso servia-se de uma chave falsa, quem sabe mesmo se o armário não estaria simplesmente aberto».

Na porta, na fechadura não havia o mais insignificante vestigio de arrombamento.

— E que diz a isto, sr. Holmes? tornou o chefe Gordon».

«Ainda pretenderá quebrar lanças pela innocencia de um patife, manifestamente animado por sinistros projectos de vingança e de ambição?».

«Acreditaria ainda que não foi elle quem matou Morris Block?».

— Tenho a absoluta certeza, respondeu Sherlock Holmes: Os factos que me conhecem também sabem que não faço a menor affirmação sem previamente ter pesado bem ás minhas palavras. Não contesto que tenha havido aqui uma violenta altercação entre ambos. No quarto da frente era impossivel, porque Colford não ouviu ruido algum. Mas que, apesar da papelada remexida e de todos os outros indícios, o homem tenha assassinado e agiota a tiro, não creio».

— Quer ter então a bondade de nos dizer por que motivo pode fazer com tal segurança uma affirmação tão importante? O testemunho de Colford, só por aí, não basta».

— Para mim, os factos tem eloquencia mais que sufficiente, retorquiu Sherlock Holmes. Não pretendo devotar-lhe a sua opinião. Estou certo que, no decurso das investigações, se ha de averiguar qual de nós tem a razão pelo seu lado».

E dizendo estas palavras, curvou-se, com glacial polidez, em frente de cada um dos circustantes e fez signal a Harry Taxon para que o seguisse».

Na sala onde havia o cadaver de Morris Block via-se sobre uma mesa uma garrafa de whisky e um casso de licor, no fundo do qual havia algumas gotas ainda, e junto do calice estava um cinzeiro com alguma cinza».

Além d'isso, num cestado ao lado, havia tambem alguns pécegos».

Sherlock Holmes murmurou rapido ao ouvido de Harry Taxon».

— Examina depressa a carta. Depois fallaremos d'isso».

Em seguida o criminalista metteu dois pécegos no bolso e saiu á pressas, com o seu discipulo dilecto, enquanto a policia lá dentro procedia ao exame dos objectos encontrados».

O que acabára de descobrir na sala do fogão bastava-lhe por enquanto».

O famoso investigador esperava ter já sufficientes elementos para saber quem tinha sido o autor da carta e o mysterioso visitante do agiota».

Gordon e os seus companheiros tinham ficado tão entreditos que mal deram pela saída dos dois».

Sherlock Holmes caminhou durante algum tempo em silencio ao lado de Harry Taxon, no meio do bulicio da cidade que n'este bairro de Londres é já muito intenso, e dirigiu-se depois para casa».

O mestre estava pensativo».

Como não pronunciava uma palavra, Taxon não se atrevia a quebrar o silencio, embora por vezes sentisse uma imperiosa tentação de o fazer, tal interesse se lhe afigurava que o caso possuia».

Só depois de entrarem em casa e de Sherlock Holmes se rodar de todos os seus instrumentos, retortas, tubos de ensaio e frascos de reagentes é que a conversação se iniciou da novo entre ambos».

— Então, Harry...?

— Que pensas tu a respeito de que acabas de vêr? Tambem crês que o usurario tenha sido assassinado?».

— Não, retorquiu o discipulo com profundo tom de convicção na voz. Não creio que um relojheiro da força de Colford possa ter-se enganado no tempo, ainda um segundo que fizesse...?

«Estou certo que Block se suicidou».

— E' verdade. E comtudo, os senhores da policia não querem acreditar-o sem que eu lhes apresente o homem que se escondeu pela janella do patio. Julgam elles que o homem, sujeito a torturas, ha de fatalmente fazer uma confissão que dê força á sua hypothese».

«No fundo, não lh'o podemos levar a mal; a certa que tão providencialmente revelou a presença do desconhecido, o ferimento na mão de morto, o pretendido roubo no armário, a circumstancia de que, no limiar da porta appareceu durante alguns segundos um homem singularmente parecido com Morris Block, que torceu a entrar e fôlto a porta por dentro, o facto de elle ter fugido logo pela janella, tudo isto justifica a verosimilhança de um assassino».

«Na realidade, o que me resta fazer é encontrar quanto antes o mysterioso personagem. Para isso é que estou preparando esta forma de gesso, que me vai revelar as impressões digitais do individuo que se encontra invisivelmente registado nos pécegos».

Ao mesmo tempo, Holmes tirou do bolso dois d'estes fructos, já mordidos, mergulhou-os em oleo e esboçou os cuidadosamente com uma camada do gesso».

— Ah! Continuo o criminalista examinando a forma com expresso satisfacção. Esquecia-me de te perguntar: annuiste a dizer em que te falli?».

— Sem duvida, sr. Holmes. A minha demonstração a existencia de um visitante em casa de Block. Cada um d'elles fumava tabaco differente: no cinzeiro ha cinzas de charuto e de cigarro».

— Muito bem, meu rapaz. Não esperava outra resposta de ti. E o que se conclue do facto de terem

estado ambos ali a fumar? E o que nos diz o *calice* com restos de *schisky*?

Harry Taxon não levou muito tempo a reflectir. — Concluo que a principio o hospede do agiota foi por este tratado com grande amabilidade. O visitante, contudo, não aceitou o charuto que Block lhe offereceu e preferiu fumar um dos seus cigarros. Mas o outro pôz então na frente a garrafa do *schisky* e pediu-lhe que comesse um pécego.

— Admitavel, Harry, apesar de não veres ainda todas as subtilidades do caso. Os pécegos estãvao tanto verdes, e por esse motivo é que o desconhecido os mordisou apenas.

— Em summa: não te parece que os homens deviam em tempos ter sido amigos?

— Estou certo d'isso, tornou o discipulo. E tenho agualmente a convicção de que Morris Block reconhecia a propria culpabilidade no attentado dez annos antes consummado contra o outro.

— Quando a sua antiga victima veio para com elle ajustar contas, o agiota viu-se completamente perdido e metteu uma bala nos miolos.

— Eis a hypothese que me parece mais accitavel.

— Também penso da mesma forma, confirmou Sherlock Holmes. E imagino que ao ouvir a detonação, o desconhecido fechasse a porta da escada para ir tirar do armario que vimos o dinheiro necessario para a viagem.

— Se o tivessem encontrado em casa de Block, com certeza o teriam preso como seu assassino.

— Seria difficil, attendendo ás disposições em que vimos as mysteriosas policiaes, que elle pudesse furtar-se á suspeita de ter committido um crime pavoroso — um fratricidio.

— Um fratricidio! exclamou Harry Taxon com surpresa.

— Exactamente. O facto de Colford ter tomado o homem que appareceu á porta pelo proprio Block torna accitavel esta hypothese. Provavelmente tratase de um irmão gêmeo do usurario.

— Aquí tens uma coisa que não occorreu a Gordon. Felizmente, por que assim temos mais probabilidades de apañar o mysterioso personagem antes que a policia lhe deite as mãos.

— Vem d'ahi, meu rapaz. Vamos dar o nosso passeio combinado. É verdade que já não iremos provavelmente a Regents park... Já jurar que já sei onde encontraremos o nosso homem.

Sherlock Holmes metteu no bolso as fôrmas de gesso, preveniu-se com as coisas necessarias para um disfarce eventual e saiu de casa em companhia do seu discipulo.

CAPITULO II

A famosa pantomima de circo

— Vamos até Kensington Garden, meu attencioso discipulo, disse o criminalista.

Nas proximidades d'aquelle parque abriu bõtem á noite as suas portas ao publico a grande companhia de circo Landola, composta na sua maior parte de artistas hespanhoes e americanos.

— Nada mais agradável, replicou Harry Taxon. Ha muito tempo que nos não permitimos semelhantes diversões. Creio que a companhia é de primeira ordem — pelo menos assim o affirmam os jorjães da manha, chamando sobretoia a attenção dos leitores para a pantomima final, que deve ser de surpreendente effeito.

— Pois é precisamente a pantomima que me atrahia até lá, affirmou Sherlock Holmes.

— Os espectaculos do circo são magnificos campos de operações para o criminalista. Sobretudo as pantomimas interessam muitissimo as pessoas da minha profissão. Tanto os artistas que representam o papel de criminosos como os que fazem de policiaes devem ser gymnastas arrojadissimos, para conseguirem emocioniar o publico nos lances perigosos. Ás vezes até faz mal aos nervos ver o trabalho d'esses artistas...

— Não creio em ultimo caso que o Mestre revesse ir ao circo apenas para procurar uma *sphmera* excitada de nervos, observou Harry Taxon.

— Por que para os meus nervos já não ha excitação possivel, replicou Sherlock Holmes sorrindo. Tens razão. Para os fazer vibrar seria preciso que succedesse todo o que ha de mais extraordinario.

— Pois vou dizer-te com franqueza qual o motivo que me leva hoje ao circo Landola.

— Preciso fallar com o director da companhia, que conheço de New-York, aonde dei muitos espectaculos ha preciaemente dez annos a esta parte.

— Durante este longo praso, o circo Landola exhibia-se por todo o mundo, excepto na Europa.

— Já *taurido* se volta novamente comega agora com os espectaculos em Londres. Preciso de interrogar o director sobre alguns factos de summa importancia.

D'ahi em diante, os dois companheiros caminharam em silencio ao lado um do outro, ambos pensativos, e só ao apparecerem as primeiras arvores do celebre parque londrino se resolveu Sherlock Holmes a

narrar ao seu discipulo os factos a que assistira ha dez annos, quando, por occasião da sua primeira viagem, estivera na America do Norte.

— Já n'esse tempo, quando ainda trabalhava sozinho, me encontravi envolvido em aventuras interessantissimas, comegou elle. Tive muitas vezes que me occupar de intrinsecos problemas criminaes, pelos quaes sentia uma decidida paixão.

— Recorde-me, por exemplo, de um caso que especialmente gravei na minha memoria, por que conheci pessoalmente a victima do assassinio.

— Vim ha dez annos de Texas para New-York em companhia d'um plantador mexicano, Don Alfonso Mendoza.

— Tinhamos feito juntos a viagem em caminho de ferro, e sympathissei bastante com aquelle fidalgo, oriundo de uma nobre familia hespanhola, que dispunha de consideravel fortuna pessoal. Apesar de todos os meus conselhos, D. Alfonso trazia sempre consigo a carteira recheada de notas do banco.

— Em Nova York fomos ambos assistir ao espectáculo no circo Landola, cujo director, o rico mexicano conhecia ha muito de Hespanha.

— Landola e Mendoza tinham-se dado muito em creanças, e conservavam dos seus brinquedos infantis uma grata recordação.

— Podes por isso imaginar a alegria que tivevamos ao encontrar-se de novo, passados tantos annos e tão longe da patria.

— Depois do espectáculo fomos ceiar todos a um excellente restaurant que havia proximo do circo. Foi uma noite bem passada com essa. Assistiram á oca alguns artistas da companhia, que acrescentaram á natural alegria dos convivas uma nota de vivacidade e de bom humor.

— Hebeu-se muito *champagne*, fizeram-se brindes cordiaes, em summa, podes bem imaginar o que terá sido esse agradável encontro.

— Quando voltarmos para o Hotel perdi Mendoza de vista. Não tornei a apparecer n'essa noite, e como a sua ausencia se prolongasse por alguns dias, comegamos a suppor que fora victima de qualquer attentado. Avriguiu-se depois que fora visto nas immedições do Hudson, n'uma regate perigosissima onde, principalmente de noite, vagueia toda a casta de bandidos.

— Parti para lá, mas foram infructiferas todas as minhas pesquisas. Don Alfonso Mendoza que, como disse, trazia sempre consigo uma fortuna em notas do Banco, foi muito provavelmente assaltado, roubado e precipitado pelas malfeitoras no fundo de Hudson.

— É singular, commentou Harry Taxon. Também o supposto morto, que deixou a carta mysteriosa a Morris Block, parece ter sido ha dez annos atirado ás aguas do Hudson...

«Esta coincidência dá margem ás mais arrojadadas hypothesees...»

— Tens razão, meu rapaz, retorquiu o mestre. Talvez que ande n'esta historia o inexplicavel acaso que fez parar o relógio de sala no momento do tiro: o dedo ignorado da Providencia, a descobrirem-nos uma ponta do réu... quem sabe se não vamos saber agora qual foi o destino do pobre Don Alfonso de Mendoza...

— Tinham chegado em frente do enorme barraco do circo, sobre o qual fluctuava a bandeira hespanhola.

— Como se approximava a hora do espectáculo, o publico affluia já em massa junto das bilheteiras.

— Em torno do circo agglomcravam-se as carruagens e os cabes que a cada instante chegavam com novos espectadores de todos os bairros de Londres.

— Vê se consegues comprar bilhetes, Harry, disse o criminalista. Sendo possivel, junto da arena. Creio em todo o caso que será hoje difficil obter logares razoaveis, porque o circo va ter uma enchente phenomenal.

Harry distribuiu algumas cotevellas á direita e á esquerda e chegou finalmente á bilheteira.

— O mestre tinha razão. Só havia ainda na casa alguns logares caros na galeria.

— Dois sujeitos que pareciam pertencer á aristocracia ficaram indignados quando viram nas mãos de Harry Taxon os bilhetes que com tantos esforços desejavam comprar.

O rapaz retirou-se, por entre a multidão, suando em hica, e Sherlock Holmes não pde disfarçar um sorriso satisfeito ao ver chegar o discipulo agitando na mão, triumphantemente, os dois bilhetes que disputara pouco antes.

Mal tinham tomado os seus logares quando o espectáculo comegou.

Enquanto Harry Taxon admirava o conjuncto e seguia com interesse os diversos numeros do programma, Sherlock Holmes examinava com attenção os espectadores.

Proximo d'elli encontravam-se dois sobre os quaes demorou alguns segundos o olhar. Um d'elles vestia com exotica elegancia, moreno, de olhos negros e fogueiros, e estava sentado junto de uma senhora de apparencia hespanhola.

— Era realmente estonhadora a suprema belleza d'essa mulher. Telos os olhares convergiam sobre ella, admirando-lhe o perfil deliciozo, as fôrmas classicas e graciosissimas, os labios cheios de frescura através dos quaes se entreviam dentes alvissimos.

O cavalheiro que a acompanhava tinha uma profunda cicatriz, que atravessava obliquamente a testa de lado a lado.

Parecia ter sido consequencia de um golpe de machado ou de espada, e dava á physionomia do estrangeiro uma expressão singularmente marcial.

O homem teria trinta e cinco annos, ao passo que a dama podia contar vinte quando morreu.

Pouco fallavam um com o outro. Mas sempre que trocavam algumas palavras, o ouvido agudissimo de Sherlock Holmes, escutava sons da lingua hespanhola.

Mais de uma vez esteve tentado a approximar-se do estrangeiro e a dirigir-lhe a palavra.

Mas não. Aquelle individuo não podia ser D. Alfonso de Mendoza, o plantador mexicano que conheceu dez annos antes na viagem de Texas para Nova-York. Ainda que tivesse escapado á morte, não podia ter mudado tanto de aspecto em dez annos.

O genial criminalista tentou de brio estrair sobre si a attenção dos dois espectadores. Mas sempre que o olhar do hespanhol se cruzava com o seu, só via nelle indifferença. Nem uma d'aquellas rugas que denunciam uma reminiscencia de outros tempos se lhe ebogava no rosto.

Decididamente, o homem não conhecia Sherlock Holmes, se bem que este pudesse orgulhar-se de não ter mudado quasi nada durante tão longo espaço de tempo.

Os dois estrangeiros deviam estar dominados por grande impaciencia.

Sherlock Holmes notou por vezes com que vivacidade o homem indicava á sua formosa companheira a parte final do programma, onde se liam impressas em grandes caracteres, as seguintes palavras: *Café de criminosos no porto de Nova-York*, e reparou que n'essa altura murmuravam sempre entre si algumas palavras intelligíveis.

Tambem no publico se notava grande animação por assistir á pantomima.

Os personagens principais d'ella seriam representados pelos saltadores e acrobatas de todo o mundo.

Por fim chegou o ultimo intervalo. O publico affluia ao buffete, ao passo que alguns *habitués* se dirigiam ás cavalarias para examinar os bellos exemplares que a companhia trazia consigo.

Pelo seu lado, Sherlock Holmes parecia não estar disposto a perder tempo.

Deixou o seu *fanteuil* na esperança de encontrar o director do circo, seu velho amigo de dez annos, e previa que policia talvez faltar tambem com o hespanhol, que tanto interesse lhe despertára durante o espectáculo.

Teve um desapontamento: não conseguiu avistar-se com nenhum d'elles.

O director estava muito occupado com a preparação do scenário para a pantomima e quanto ao hespanhol não viu abandonar o seu logar durante todo o intervalo.

Harry Taxon seguiu com profunda attenção todas as perguntas do mestre. Bem tinha elle adivinhado já quem Sherlock Holmes esperava encontrar no circo,

e por isso, antes que principiasse a ultima parte do espectáculo esquadrinhou todas as dependencias esperando a cada instante ver deparar-se-lhe uma physionomia semelhante á de Morris Block, o assassinado de Baker street.

Tenendo bem, o joven discipulo de criminalista achava perfeitamente natural a investigação a que procedia. De facto, não lhe restava a menor duvida que o mysterioso visitante do usurario, um individuo de physico extremamente parecido com elle, entrara em casa do Block pela janella. Ora só um gymnasta consumado, um acrobata de inaudito arrojado poderia ter-se abalucado a semelhante empresa.

Por outro lado impressionava-o a estranha coincidência d'essa mysteriosa visita com a chegada a Londres da Companhia Landola.

Era justo supôr que o desconhecido se encontrasse entre os artistas do circo.

Se Landola tivesse chegado a Londres ha mais tempo, por certo os factos em casa do usurario se teriam tambem desenvolvido mais cedo.

Estava Harry Taxon todo entregue á corrente dos seus raciocínios, quando o carrilhão estridido da chamada o avistou que ia recomençar o espectáculo.

Mal tinham de novo occupado os seus logares, escurceu o ambiente do circo.

A arena que durante o intervalo fira transformada n'um enorme tanque cheio de agua, representava o porto de Nova-York, a horas mortas da noite, quando os trabalhos fatigantes das docas e das descargas se succede o tragico silencio do repouso.

Como um monstro que dorme, via-se sobre as aguas um enorme barco de vela, cuja elevada mastreeiro chegava quasi á cupula.

O cesso, que algumas pranchas de madeira dispostas em torão da pista figuravam, era frouxamente illuminado por alguns raios candeeiros.

No alto distinguia-se um globo electrico, cuja luz fria e azulada banhava o conjunto n'uma especie de luz, dando uma physionomia singularmente poetica a essa paisagem maritima.

No luso fuzco mal conseguiam distinguir-se os espectadores.

O silencio era enorme.

Finalmente, começou a representar-se o primeiro acto da sensacional pantomima, cujo argumento era o seguinte:

1.ª scena.—Sobre o casco de Nova York apparece um homem e uma mulher: elle parece ser ainda novo e ella com um rosto seductor enrolo n'uma mantilha. Um gesto da rapariga faz comprehender que esperam alli alguém que deve chegar em determinada direccção. O rapaz não pode occultar a sua intensa alegria por este facto e esconde-se atraz de uns arbustos.

Effectivamente, n'esta altura assoma a uma das entradas da pista um individuo vestido com rara elegancia.

A rapariga dirige-se a elle, atraz o documento até ao sitio onde o seu cumplice se escondeu e sentam-se ambos á beira do caes, n'um idyllio amoroso.

2.ª scena.—De subito, sahindo do seu esconderijo, o *apache* precipita-se sobre o recém-chegado. Trava-se entre ambos rapida e violenta luta. De repente, o infeliz amarrado ao caes, ferido por uma bala do bandido. A pequena parcou ficar horrorizada. Torres as mmas de desespero, ajoelha-se junto do ferido, apalpa-o, fingindo querer sentar-lhe o sangue... Na realidade procurava apenas a carteira da victima para entregar ao assassino.

3.ª scena.—Apparece então no caes um *segundo apache*. Pelos seus gestos comprehende-se que exige uma parte do roubo. O outro parece deixar-se convencer e pede ao seu companheiro de crime que o ajude a deitar á agua o dono da carteira. O *segundo apache* dispõe-se a ajudá-lo, com a condição de proceder primeiro á divisão do conteúdo da carteira que a rapariga acaba de entregar ao primeiro. Repartido o roubo, os dois bandidos atordoam repetidas vezes a pobre victima com fortes pancadas na cabeça e atiram-na ao rio, onde o seu corpo desaparece logo.

Acto continuo o *apache* que chegara em ultimo logar atira-se ao que viera com a rapariga, assentando-lhe a falsa fé duas violentas pancadas na nuca e arremessa-o por sua vez á agua.

A pequena solta um grito e desaparece correndo. Enquanto o assassino, junto de um candieiro, conta as notas do Banco roubadas ao desconhecido e ao seu proprio cumplice, reaparece ella de novo acompanhada por alguns agentes de policia que o vsem prender.

2.ª acta.—Principia a caçada ao bandido. Apenas avista á policia, atira-se á agua para se salvar a nado. Os agentes saltam atraz d'elle. Começa, dentro d'agua um concurso tragico de natação. Alguns agentes estão já muito proximos do assassino. A luctatava-se. O *apache* consegue libertar-se, trepa agilmente á coberta de um navio. A policia persegue-o, já mais de perto, ao passo que elle se escapa pelas enxarcas. A caçada attinge agora o momento palpitante. Já o criminoso trepa agilmente de todas as vergas; alguns policas caem á agua, impellidos pela sua mto vigorosa. Por ultimo, quando está prestes a ser attingido do novo, quasi na ponta do mastro, o *apache* precipita-se no se, com um salto prodigioso, e desaparece.

O artista que representava este papel dirigiu-se então para o corredor de sala.

O publico tinha chegado ao auge do interesse. Que iria passar-se agora?

De subito, o protagonista do drama, a quem a

cabeleira acabava de cair, correu entre duas filas de *fanteuils* até á frisa onde se encontrava o hespanhol ao lado da sua formosa companheira. Neste instante, o estrangeiro saltou o parapetto da frisa e lançou-se sobre o artista, soltando um tremendo grito de furor.

Começou então o terceiro acto—o *apache* absolutamente inesperado para todos.

Agora já não era a fugir.

A lucta era de vida ou de morte.

Os espectadores contemplavam o singular combate, sem comprehenderem bem o que se passava.

Mas um grito de horror saiu de todos os labios, ao verem o hespanhol brandir na mão direita uma terrivel arma de extermínio, a *macheta mexicana*, cujos golpes só fatalmente mortaes.

Contudo, o artista conseguiu, com um gesto rapido, sacudir a arma das mãos do aggressor.

Comçou a lucta corpo a corpo.

Rangendo os dentes de raiva, o espectador enlaenhou os dedos nervosos no pescoço do acrobata, na intenção clara de o estrangular.

Ouvia-se já a sua respiração offegante, o rouquejar agonizante da sua voz.

O publico comprehendeu então tudo.

Centenas de gritos eschovam no circo.

—Matem o assassino!

—Fôra o canalha!

—Tirem-lhe o homem das mãos!

—Fôral! Agarra! Matal!

Muitos espectadores corriam já em auxilio da victima.

O artista conseguira porém libertar-se, vibrando um formidavel pontapé no ventre do espectador.

Via este, voltando logo a si e obstinado por inexplicavel odio, conseguiu agarrar-o e derrubá-lo de novo.

Neste momento o acrobata ponde haver ás mãos a *macheta* que o outro se vira obrigado a largar, e brandia-a com gesto ameaçador sobre a cabeça do hespanhol.

—Vista, vez um crime ter-se-hia por berto consumado, se Sherlock Holmes e Harry Taxon não acudissem com a rapidid do relampago.

O criminalista seguiu com os seus dedos de aço a mão direita do acrobata, no passo que o discipulo lhe arrancava a arma.

Foi n'esta altura que o publico se precipitou sobre os contendores.

Aproveitando a rapida confusão que se estabeleceu, o acrobata escondeu-se nas mãos de Sherlock Holmes e quando o ambiente do circo se illumina do novo tinha de apparecido sem que ninguém por tal tivesse dado.

A policia evacou então a sala e procedeu ás pri-

meiras investigações sobre o estranho acontecimento.

O estrangeiro tinha voltado a si.

Contudo, o medico do circo achou conveniente que não o interrogassem por enquanto, visto o estado de abatimento em que o deixara aquella noite horrivel.

A senhora que o acompanhava indicou o hotel em que se achavam hospedados, e, mal refeita ainda das commoções soffidas, pediu que os deixem ir repousar sobre o lamentavel incidente.

Sherlock Holmes, porém, não perdeu palavra da estrangeira.

Soubes assim, conforme tinha já suspeiado, que o mysterioso espectador era nem mais menos que o antigo conhecido de Nova York, o qual, dez annos antes, por forma tão inexplicavel apparecera no caso do Hudson.

Era D. Alfonso Mendoza, o rico plantador do Mexico. Acompanhava-o *Señorita Dolores*, sua sobrinha.

CAPITULO III

Pista segura

O genial criminalista resolveu visitar no dia seguinte Mendoza no seu hotel, averiguando assim as circumstancias obscuras que tinham revestido o seu desaparecimento dez annos antes.

Entretanto entender-se-hia com o director Landola, recordando aquella noite alegre de bohemia em que tinham travado relações na grande capital americana.

Desejava igualmente obter algumas informações a respeito do acrobata que pretendia assassinar o rico plantador mexicano e que não voltára ainda ao circo. A pantomima muito especialmente a ultima scena, que sem a sua intervenção teria terminado com a morte de Mendoza, acabava de lhe suggerir a explicação do caso de Bakerstreet.

Os irmãos Block teriam de commun accordo praticado um crime na pessoa designada na mysteriosa carta pela letra M.

Quem podia ser esta pessoa senão Dom Alfonso Mendoza?

Por muito innocente que o «supposto morto» tivesse sido na morte de Morris Block, nem por isso se livrava da tremenda responsabilidade de ter attentado gravemente contra a vida do plantador do Mexico.

A prova era aquella profunda cicatriz que se podia vêr na testa de Mendoza.

Sherlock Holmes tinha pois o maximo interesse em deitar a mão ao acrobata. Não só para cumprir com o que tinha «promettido ao chefe Gordon de Escotland

Yard, mas sobre tudo para entregar a justa punição ao menos um dos infames autores do crime de Nova York, visto que o seu cumplice tinha já feito justiça pelas suas proprias mãos.

Esperava o criminalista obter de Landola dados sufficientes para achar a pista do criminoso.

Quando precisamente Sherlock Holmes formulava estes pensamentos, o director approximou-se d'elle e de Harry Taxon, os unicos espectadores que estavam ainda no circo, e convidou-os seccamente a sair.

Imagine-se a surpresa de Landola ao vêr que, em lugar de acceder ao seu pedido, Sherlock lhe pousava amavelmente a mão sobre o hombro, exclamando n'um sorriso:

—Não, meu *señor Landola*... Tão sumariamente não pôo o senhor na rua. Gamarali-dar-se-ha e o caso que queira expulsar de sua casa um velho amigo?

O director encareceu-o cheio de espanto.

—Não sei que o tenha visto já em qualquer parte, respondeu com alguma frieza.

—Não reconheceu então a pessoa que teve ha pouco uma luta gravissima com o seu acrobata?

Landola encolheu os hombros.

—Não? Tornou Sherlock Holmes. Nesse caso permita-me que desperte um pouco a sua memoria, he recorde aquella esplendida noite em que oámos ha, precisamente dez annos n'um restaurante de Nova York o senhor D. Alfonso Mendoza e eu. Lembra-se? Foi no «Mundo doirado», onde festejamos o seu encontro, após muitos annos de ausencia, com o rico plantador do Mexico, que tinha sido um dos seus mais queridos companheiros de infancia...

O director esboçou um sorriso satisfeito e evocação d'essa noite longinqua. Lembra-se agora...

—Sim, meu amigo, recordo-me agora perfeitamente. *Cover de Christie!* Foi onde tinha eu a cabeca... Recordo-me perfeitamente d'essa camaradagem alegre e lembra-me como se fosse hontem da sua visita no dia seguinte ao da oia, para me participar que o nosso amigo Mendoza desaparecera como por encanto.

«Dave perdoar-me não o ter reconhecido á primeira vista. Na minha profissão travava-se relações com tantos milhares de pessoas! Imagine-se por onde eu tenho andado durante estes dez annos... Por quasi todo o mundo.

«Apesar d'isso, a sua physionomia não devia ter-me escapado. O meu amigo adquiriu uma celebridade mundial. Por toda a parte onde tenho andado, na America do Sul, na Australia, na India, no Egypto, na Turquia, tenho ouvido sempre fallar com admiração do grande Sherlock Holmes.

«O seu retrato tem sido publicado em centenas de jornaes...

—Infelizmente, tornou o criminalista, sorrindo. Creia que me não é das coisas mais agradaveis. Esse

effôrme reclame das gazetas, só serve para me prejudicar os meus trabalhos...

«Hoje, vejo-me quasi sempre obrigado a diffundir-me, quando tenho alguma investigação importante a fazer.

—Quanto a Mendoza, não comprehendo como em o não reconheci, continuo Landola. Foi um amigo de infancia, meu companheiro directo das brincadeiras de rapaz... Por isso me alegrei tanto ao encontrar-o, ha dez annos, n'aquella noite de Nova York.

«Durante este tempo a sua physionomia deve ter-se transformado immenso para que eu o não reconhecesse. Aquella enorme cicatriz na testa desfigurou-o por completo...

«Mas esse nosso encontro tem de ser condemnadamente festejado, amigo Holmes. No restaurant do Circo ha meia dazia de famosas marcas de Champagne. Vamos beber uma taça!...

—Com todo o prazer, tornou o criminalista. Mas permita-me que não fique excluido da nossa companhia e meu amigo Harry Taxon...

E fazendo a apresentação do discipulo, Sherlock Holmes continuou:

—E' o meu successor...

Landola apertou cordalmente a mão do rapaz.

Em seguida foram abanear a uma mesa do bufete, que se encontrava já deserto a esta hora.

Depois de terem sido servidos e de se ter s'istado o creado, Holmes approximou do director a sua cadeira e começou a fallar em voz baixa:

—Digam-me, senhores, não está um tanto ou quanto inquieto com a ausencia do seu acrobata? O homem parece-me um bocado perigoso, uma fera que não é conveniente deixar muito tempo em liberdade...

Landola franziu o sobrelho.

—E' uma desagradavel historia, esta, respondeu elle. Brown é um desordeiro de primeira ordem. Apesar da sua immensa habilidade, vae-se-me tornando insupportavel esta sua mania de brigo...

«Quer crer que uma oia, sr. Holmes?

«Os artistas que desempenham na pantomima o papel de policiaes declararam-me já que não querem continuar a trabalhar com elle. Em todas as representações, Brown mõe os com pancada de tal maneira que não tem os ossos doridos para toda a noite...

«Já ha muito que penso de fazer-me do unjusto.

«Mas, que quer que lhe faça? É o melhor artista que tem a companhia...

«O meu amigo deve concordar que raras vezes se encontra um acrobata tão agil e tão arrojado...

—Sem duvida, respondeu o criminalista com um gesto de assentimento.

«E parece igualmente ser um fagista de fama...

«Se não accido tão depressa, era certo d'esta vez ter assassinado D. Alfonso Mendoza...»

O director abriu os olhos, espantado.

—Já mandei trez rapazes de confiança procurarem por todas as tabernas, disse elle.

«*Adeus! Deus!* Parece-me que d'esta vez vou multo-o num mez de ordenado, ou talvez mesmo me resolva a despedir...»

«Nunca lhe poderei perdoar a tentativa de assassinio contra o meu amigo Mendoza, que só graças á sua intervenção conseguí escapar a salvo...

«E' verdade que fui a elle o primeiro a aggressão...

«Mas tenho a certeza que este patife de Brown lhe fez em tempos qualquer partida grossa.

«Sabe que me deu que pensar uma palavra que o meu caro Holmes ha pouco pronunciou?

—Qual?

—Quando disse que d'esta vez, se não fosse a sua intervenção era certo ter assassinado D. Alfonso Mendoza.

D'esta vez?... —Sim, d'esta vez, senhor Landola. E' minha opinião que Browa tem graves responsabilidades no desaparecimento de Mendoza, ha dez annos em Nova York.

«Diga-me com franqueza: quem é que lhe forneceu a ideia para esta pantomima?»

—Com mil demónios! exclamou Landola despidendo da sobre a mesa um mouro tão violento que todas as tabras estremeceiram. O meu amigo é bruxo com toda a certeza. O Sr. Sherlock Holmes adivinha uma coisa que durante dez annos devia ter-me despertado a attenção.

«E' claro que a ideia da pantomima foi Browa quem m'a suggeriu, e por certo é uma copia fiel da realidade.

«Agora comprehendo eu aquella profunda cicatriz que Mendoza apresenta na testa!

«Agora percebo finalmente a razão por que o meu amigo de infancia se atirou ao acrobata, tentando dar cabo d'elle n'um accesso de furo...

Landola levantou-se e apertou commodamente a mão de Sherlock Holmes.

—Ah, meu amigo, meu amigo... Agora é como se me tivessees desempoeirado os olhos.

«Dias depois de toda a imprensa de Nova York se ter largamente referido ao mysterioso desaparecimento do rico plantador mexicano, precisamente no dia em que eu tencionava partir com a companhia para S. Francisco da California, apresentou-se-me Brown propondo-me que o contractasse como acrobata especialista.

«Notei n'essa occasião que andava um tanto ou quanto encombido, e apresentava um grande inchaço na região da nuca.

«Quando lhe perguntei em que circoos tinha traba-

andado já, declararam-me que preferia não falar do passado.

—O principal, senhor director, disse-me elle, é que eu saiba fazer qualquer coisa de sensacional...

«E sem mais explicações abraçou-se ao mastro que sustentava a cupula e trepou até ao alto com surpreendente ligeireza. Em seguida, desceu, de cabeça para baixo, com rara habilidade e não vulgar arrojo.

«O homem era um perfeito chimpanzé!

«Não nos podemos conter, eu e os meus artistas, e bem-lhe uma salva de palmas:—Bravo! Bravo! sr. Brown...

«Foi com este nome que o aujeito se me apresentou.

«Que faria o meu amigo nas minhas circunstancias?

«Contractei-o logo, e não tive motivos para me arrepender visto que Brown me attrahiu sempre muito publico, e, á parte as suas manias de desordeiro, não havia nada que se lhe dizir.

«Durante dez annos andámos sempre de um lado para o outro, e assim deu o homem ter-se furtado a prováveis pesquisas da policia.

«Sempre que trabalhava, Brown não se esquecia já mais de pôr uma cabelleira e de se caracterizar de forma a tornar-se irreconhecivel.

«Estou agora convencido que procedia assim muito provavelmente para se furtar a responsabilidade do attentado contra D. Alfonso Mendoza.

«Muito provavelmente, confirmou Sherlock Holmes com ar pensativo.

Em seguida narrou ao director os acontecimentos de Baker Street, o suicidio de Block, que a policia se olativava em considerar um assassinato, e as suas supostas sobre o papel que Brown teria representado n'essa tragedia.

«Igualmente se referiu á carta encontrada em casa do morto, e na qual a letra M. desenhava evidentemente o rico plantador do Mexico.

E por ultimo não se esqueceu de notar a profunda semelhança que Olford notára no homem que apparecera e porta de Morris Block com o proprio ujurador.

—Essa semelhança physiologica, acordescentes ao criminalista, é a mais extraordinaria que se pode imaginar.

«Apenas vi cair a cabelleira de Brown, reconheci logo n'este irmão genito de Morris Block.

«Não me resta a menor duvida que foi Brown quem n'esta tarde assaou a casa de Block, saltando pela janella, e taes ameaças formulou perante o irmão, que este acabou por se suicidar.

«Amanhã, quando me avistar com D. Alfonso Mendoza saberei ao certo como as coisas se passaram ha dez annos.

«Imagino que Block e Brown procederam exactamente como os dois *apaches* da pantomima.

«Foi esta que os atraçou.

«Block tentou certamente assassinar o irmão, atirando-o ás aguas do Hudson para se appossar de todo o dinheiro de Mendoza.

«Em seguida fugiu para Londres onde, *foz fortuna*.

«Entretanto, o supposto morto introduziu-se na sua companhia, meu caro Landola, alimentando no coração o demonio da vingança.

«Estou convencido de que teria assassinado o irmão, aqui em Londres, se elle se não tivesse antecedido dando um tiro nos miolos.

«Em todo o caso, pode estar certo de que Brown é um temivel bandido, e o meu amigo presta um grande serviço á humanidade ajudando-me a descobrir-lhe o paradeiro. E far-me-ha esse favor, quando mais não seja senão pela amizade que o liga a D. Alfonso de Mendoza.

—Decerto, meu caro Holmes, tornou vivamente o director. Estou á sua inteira disposição.

«Infelizmente, como já lhe disse, Brown não falava a ninguém dos seus negocios pessoais e muito menos do seu passado.

«Não sei portanto em que poderei ser-lhe util.

—O meu amigo conhece o velho aporismo, precioso para todos os criminalistas: *cherchez la femme*!

«Perfeitamente, respondeu Landola sorrindo. Quer dizer que em todos os crimes é quasi sempre uma mulher quem tem a culpa?

—*All right*! respondeu Sherlock Holmes. Vejo que nos entendemos ás mil maravilhas.

«E agora permita-me uma pergunta: Sabe se Brown tinha alguma amante?

—Não sei, disse o director abanando a cabeça. Mas pergunta-se já a um dos homens que mandei á procura de Brown, e que acaba de chegar n'este momento.

«Olá, sr. Taylor! continuou elle, chamado para o interior de um quarto contiguo. Tenha a bondade de vir aqui...

O sr. Taylor não tardou a apparecer.

Era um individuo dos seus trinta annos, algum tanto encurvado e exercia o mister de *clown* da companhia.

—Não traz noticias de Brown? perguntou-lhe o director.

—Não trago, respondeu Taylor, tomando assento a um gesto de Landola.

«Corremos todas as espeluncas: ninguém o viu em parte alguma.

«Em todo o caso, supponho que lá ainda uma maneira segura de o encontrar.

«Mas o senhor director terá muito empenho em lhe fallar hoje ainda? Amanhã verá que elle proprio se apresenta aqui...

«De resto, elle não praticou nenhum crime: limitou-se a defender a pelle. *Caramba!* Um homem não pode deixar-se bater pelo primeiro aujeito que appareça, e além d'isso o genio de Brown não é para meias medidas...

—Meu caro Taylor, tornou Landola, as coisas são muito differentes d'aquillo que pensa. O espetador que estava na frisa lá tinha bastantes razões para quebrar as costellas a Brown. Trats mas é de nos dar qualquer indicio por onde possamos descobrir o paradeiro do homem.

«Depois saberei os motivos que me levam a procurar saber d'elle ainda esta noite.

«Essa de ter a mais pequena attenção para com o sujeito, porque deixou de ser seu collega, Brown não tornará nunca mais a trabalhar na nossa companhia...

—Ah! anda seja o que fór, sr. Landola, tornou Taylor com a curiosidade estampada na physionomia.

«Dar-se-ha o caso que Teddy tenha feito alguma asneira?

—Diga-me primeiro onde havemos de encontral-o e depois saberei que *ameira* fez...

—Bem, continuou *clown*, cá por mim, penso que Teddy, depois da desordem, se foi lançar nos braços de uma mulher que ontem á noite acompanhou a casa, á saída do espectáculo.

«Era uma creatura *chic* a valer.

«Escutei por acaso algumas palavras da conversação que tiveram, e admirei-me bastante da familiaridade que existe já entre ambos.

«Parecia que se conheciam desde longos annos. Até imaginei que fosse uma antiga namorada de quem Brown me fallara tanta vez.

«Hontem tive curiosidade de saber onde morava, e peguei, e seguí os di-faracadamente.

«A paragem de Teddy está no Park Hotel, não longe d'aqui.

«Vimos entrar ambos para lá...

—E entraram pela porta principal? perguntou Sherlock Holmes.

—No, sr. Foram pela escada de serviço. Foi por isso mesmo que imaginei que a mulher deve pertencer ao pessoal do hotel.

—Muito bem, Taylor! exclamou o director alegremente.

«Os indicios que nos dá bastam-nos por enquanto. Não acha, amigo Holmes?

—E' possivel, respondeu simplesmente o criminalista.

«Vou seguir a pista desde já e não me demoro mais.

«Adens, meu caro Landola. E o sr. Taylor obedeceu.

queia-me guardando absoluta reserva de tudo o que se acaba de passar entre nós.

«Vão comprehender os motivos do meu pedido logo que o sr. director lhe conte os factos a que ha pouco se referi.

Dizendo isto, Sherlock Holmes e Harry Taxon despediram-se e saíram do circo, depois de Landola ter formalmente prometido informar o criminalista logo que tivesse qualquer indicio mais sobre o paradeiro de Brown.

CAPITULO IV

O regresso

Como os nossos leitores verão no seguimento d'esta novella, o rico plantador mexicano D. Alfonso Mendoza, attrahido a uma cidade pela clinica Alice, creada do Hotel União, na qual fôra atacado traiçoeiramente pelos dois bandidos que o haviam arrojado ao Hudson, fôra milagrosamente salvo, e recolhido ao hospital onde se conservou alguns mezes entre a vida e a morte.

Tomara ahí conhecimento com um rico negociante inglez que ali tinha ido procurar alivio a uma doença incuravel de que padecia.

Todos os dias era visitado por um sympathico joven de uns quinze annos, com quem passava bastante tempo; e esses eram os momentos mais felizes do doente.

Com o tempo foram-se estreitando as relações de amizade entre o plantador mexicano e o negociante inglez, e tão estreita foi por fim, essa amizade que os dois fizeram mutuas confidencias.

D. Alfonso Mendoza contou ao seu amigo a cidade de que fôra victima, e Brondfield, que assim se chamava o negociante inglez, contou-lhe o seguinte:

—Tenho apenas vinte e oito annos, e contado pago um velho alquebrado pelo peso dos annos. Vão saber o que tão prematuramente me aniquilou a existencia pondo-me á beira do tumulo.

«Eu era filho unico, e contava pouco mais ou menos a idade do mancoelho que todos os dias vem visitar-me, e que é meu filho legitimado, havido de uma rapariga a quem muito amei, quando no espaço de um anno perdi meu pai e minha mãe, que, por sua morte, me deixaram herdado de uma enorme fortuna.

«Inexperiente da vida, sem nada conhecer dos negocios, entreguei a direcção da minha casa a um tio meu, que occupava já o lugar de administrador das

nessas vastas propriedades, ao mesmo tempo que o de guarda-livros.

«O movimento da casa estava pois todo nas suas mãos. Puniu e dispunha de tudo como se elle fosse o proprio dono, após a morte de meu saudoso pai».

«Amos antes, meu tio perdera toda a sua fortuna em especulações da bolsa e ficara em circumstancias bastante precarias».

«Foi tanto que meu pai o admitiu em casa, como administrador e guarda-livros».

N'esta altura, Bronfield teve uma suffocação que o obrigou a interromper a sua narrativa.

—Descanse, meu amigo, disse Mendoza, porque certamente o atermoza a recordação d'esse tempo. Amanha fallaremos sobre isto.

Um pouco reposto de seu desfalecimento, o ingles proseguiu com a voz ainda bastante tremula:

—Não, meu amigo, tenho um presentimento que os meus dias estão contados, e preciso contar-lhe tudo e pedir-lhe tambem um favor da mais alta importancia.

«Por bastantes vezes tentei conhecer os negocios da minha casa e dedicar-me a elle; mas meu tio repellido-me invariavelmente».

—Não, meu rapaz, ás ainda muito creança para tomares sobre os hombros tão pesados encargos. Estás na idade de te divertires, de gozar a vida, para o que nada te falta. Dirias isto a meu cargo, e quando chegares á maior idade tomarás conta do que é teu, e ao recolher-me hei á vida privada para porem turno, descansar.

«Rapaz, entregue a mim mesmo, lá ficando a vida o melhor que podia, praticando verdadeiras lousuras, que eram alimentadas pelo dinheiro que meu tio me fornecia».

«Por essa occasião encontrei uma linda e honesta operaria por quem loucamente me apaixonei, sendo correspondido com igual affecto».

«Um dia a donzella succumbiu, e tornou-se minha amante».

«Instalae-se em uma elegante casinha nos arredores de Londres, e ali passava eu a maior parte do tempo em uma deliciosa intimidade entregue ao mais santo e puro amor».

«Um dia, disse-me ella, com um adoravel sorriso:

«—Jayme, Deus dá-me uma grande alegria, sinto no meu ventre o fructo do nosso mutoo amor, e deus me um longo e calido beijo».

«Uma aurora de ventura me invadiu a alma, e apertando-a contra o coração, disse-lhe que legitimaria o ente que brevemente viria ao mundo».

«Tempo decorreu, e Julia, que assim se chamava a unica mulher que amei, deu-me um filho, que, ao nascer, ficou orphão de mãe».

«Pode calcular a minha dor. Suffocando-a, porém, no mais recondito do coração deliqui-me tão todo ao leuro anjinho que viára ao mundo em tão tristes circumstancias, mandando-o crescer acocumante em casa de uma familia que me era dedicada, sob o maior segredo».

«Men-tio sabia d'esta minha ligação irregular, e tentou por todos os meios desfaze-la; mas só Deus teria, como teve, poder para tanto».

—Ignorou, porém, sempre, o nascimento de meu filho.

Alguns momentos de silencio se seguiram, porque o deante se sentia cada vez mais fraco.

Pouco depois proseguia:

—Chegado á maior idade, temei posse da minha casa, que me foi entregue por meu tio com bastante reluctancia, posto que forcejasse por apparear a maior satisfacção».

«Para comemorar esse dia, dei uma pequena festa, a que assistiram todos os meus empregados e crezdos. Notei, ao jantar, que meu tio tinha a seu lado uma garrafa de vinho de Champanhe, coberta por uma espessa camada de poeira aderente ao vidro, o que indicava ter já bastantes annos. Mas não ligui grande importancia a esse facto. No fim de jantar e ao começarem as saudades, disse-me:

«—Jayme, ao entregar-te a direcção da tua casa, devo dizer-te que empreguei todos os meios para augmentar-a, o que facilmente verificarias pela escripturação. Sinto-me orgulhoso pelas provas de confiança que em mim depositaste, e peço-te que me acompañes na saúde que vou fazer-te, com a condição de nós dois bebermos d'este fino champanhe, unica garrafa que encontrei nas tuas adegas, e que tem a respectavel idade de sessenta e cinco annos, como o rotulo indica. Será assim, mais solemne a saúde que te quero fazer».

«E descolhando a garrafa, e limpando o gargalo com uma frangina, enchei duas taças, que tanto era o liquido que a garrafa continha».

«Todos de pé, chocando os copos, levamos-a aos labios; mas n'este momento, meu tio voltou-se para dizer qualquer coisa ao seu vizinho do lado, e por um movimento imprevisto caiu-lhe a taça no chão, e esmagalhous-se. O facto causou hilaridade, mas meu tio mostrou-se fortemente contrariado».

«Regatados os copos, ninguém mais se lembrou do incidente, e o jantar terminou na mais franca e desoccupada alegria».

«Decorrido um mez, e após uma visita a todas as minhas propriedades, dirigi-me á Escocia onde estava meu filho e trouxe-o comigo, legalisando em seguida o seu estado civil».

«Eu tive sempre uma natureza robustissima, não conseguindo a vida desagrada que tive alterar-me a

saude. Todavia, decorrido tempo senti um mal estar constante que de dia para dia me definhava».

Consultei as maiores sauidades medicas e todas ellas foram unanimes em declararem que eu tinha interior um veneno violento, mas cujo effeito era lento e destruidor. Nada podia salvar-me. Pode salvar-me, meu amigo, o meu espanto e desalento no ouvir tal revelação. Não houve specialistas que não consultasse. Lembrando a minha vida passada, não encontrava a decifração de tão terrivel enigma».

«Subitamente, fez-se luz no meu espirito. Lembrei-me da festa que tinha dado em minha casa, da saudade proposta por meu tio, e da taça quebrada. Da todos os convidados nem um só sentira o mais pequeno incommodo. Looze de raiva com a morte no coração, dirigi-me á casa de meu tio. Encontrei-o no seu gabinete. Ao ver-me, com o semblante transtornado, entrando na casa como um furacão, recuou e empallideceu horivelmente. Ao ouvir-me chamar-lhe assassino, á accusação que lhe fiz, e ao saber que iria entregar-o aos tribunaes, titubou, quiz defender-se, mas por fim succumbiu. Não sei como não enlouqueci n'aquelle momento. Sati horrorizado d'aquella casa e de deusa e meu assassino, mas subitamente ouvi uma detonação. O miseravel fizera justiça a si mesmo».

E teve um pequeno desmaio. Reanimando-se, continuou:

—Agora, meu amigo, o favor que queria pedir-lhe. O veneno continuo a sua obra de destruição, e poucas horas de vida me restam; sinto-o. Fiz hontem o meu testamento no qual o meu filho, como unico herdeiro de toda a minha fortuna, Mas elle é uma creança ainda e precisa de quem lhe guie os passos».

«Contando com a sua amada nozete o tutor de meu filho até á sua maioridade».

«Far-me-ha este favor para que a minha morte seja mais tranquilla?»

Mendoza estava muito commovido. Respondeu com a maior franqueza.

—Se esse pequeno favor lhe poder tornar mais suave a hora do seu passamento, verei para seu filho um segundo pai, e com os meus conselhos e pratica da vida farei de seu filho um homem honrado e digno. Os offeios do moribundo lançaram um tenue relampago de alegria, e uma lagrima furtiva lhe deslousou pelas macilentas faces».

—Obrigado, disse Bronfield, e um pequeno estorbo lhe embargou a voz. Passado minutos era cadaver. Passados mezes D. Alfonso Mendoza regressava ás suas vastas propriedades do Mexico em companhia do seu protegido, a quem chamava filho, e não se descreve a alegria que o seu regresso deu á sua familia, e numeroz amigos».

Abracou commovidamente sua sobrinha Dolores,

uma linda menina a quem adorava, e que recebeu o joven Bronfield como se recebesse um irmão».

Esta amizade entre os dois jovens breve se transformava em uma affeição mais duravel, e logo que o maneoço attingiu a sua maior idade, D. Alfonso Mendoza, sua sobrinha Dolores e o joven Bronfield, vieram a Londres, para este tomar conta da sua enorme fortuna, e unir-se pelos laços do matrimonio com a linda Dolores, a quem amava com um amor puro e casto».

E eis porque novamente encontramos o opulento plantador americano na moderna Babilonia baulada pelas aguas do Tamiza».

CAPITULO V

Dois corações... unidos

Quando os dois companheiros chegaram á rua, sova meia noite nas torres das Egrejas».

—Como ainda é um bom boque até ao Park Hotel, apparemo-nos um pouco para o que o passaro não fuja do ninho, disse Sherlock Holmes ao seu descipulo».

«Será um milagre que o Hotel esteja ainda aberto a estas horas, e contudo precisamos de lá entrar hoje, custe o que custar».

«É? uma singular coincidência que D. Alfonso Mendoza esteja tambem ali hospedado. Provavelmente, Brown não conhece essa circumstancia, de outra forma teriamos ainda esta noite nova tentativa de assassinato».

Caminhavam apressadamente ao longo da avenida que contorna os bucolicos arredores do jardim de Kensington e de Hyde Park. E? a larga arteria que conduzia a Piccadilly, a mais elegante rua de Londres, na qual se encontram os melhores estabelecimentos e os clubs mais cênicos da capital ingleza e onde se veem alguns saloons raras».

O Park Hotel, para onde Sherlock Holmes se dirigia, abria a sua ampla fachada sobre o Green Park e era exclusivamente preferido pelos aristocratas de sangue e magnates da finança em viagem».

Não era pois de extranhar que se tivesse hospedado ali D. Alfonso Mendoza, o riquissimo nababo mexicano».

Preciadilly estava deserto áquella hora da noite. Só de longe algum noctívago se arrastava ao longo dos passeios».

Em nenhuma janella do hotel se via luz».

—Dobremos a S. James Street e vamos passar

nas trazeiras do edificio, murmurou de subito Sherlock Holmes para o seu discipulo.

«Entrar no hotel pela frente parece-me arriacado.

«Do lado do Park Hotel se trata de muito mais facil.

«Vamos então preparar-nos para um assalto? perguntou Harry Taxon.

«E' verdade, meu rapaz. Não temos outro remedio. Se entrarmos pela porta principal, declarando o fim que aqui nos traz, era impossivel evitar o alarme e os nossos planos estariam irremediavelmente prejudicados.

«Não te importes e vamos a isto.

«Na peor das hypotheses, podemos sempre provar a nossa identidade.

Poucos minutos depois estavam junto do gradeamento que rodeia o hotel nas tres faces secundarias.

Harry Taxon dispunha-se a escalar immediatamente a grade, mas o mestre segurou-o pela alba do casaco!

«Nada de asneiras nem de precipitações, sobreponha ao ouvido. Primeiro que tudo, sangue frio e attentão.

«Não sei onde tu tens os olhos que não reparaste ainda que ha luz no terceiro andar.»

«Tem razão, murmurou o rapaz. Lá está... Abrem a janella de manso e debrucha-se uma mulher, espreitando para baixo...

«Isso mesmo, Harry. Não estendas tanto o pescopo, porque te podem ver...

Conservam-se ambos o mais possivel com o muro.

«Espera, disse de repente Sherlock Holmes com voz subtil. Não vês o que a mulher está a largar da janella?

«Santo Deus! É uma escada de corda, mestre, uma escada authentica de cords...

«Querem ver que aquella maluca vai descer por ali de tão verginhosa altura?

«Não tenhas receio, tranquillisa Sherlock Holmes com singular acento na voz.

«Repara mais do que se passa cá em baixo, junto da parede do hotel, mas tem cautella para não seres visto.

Uma sombra humana esgueirava-se com effeito ao longo das trazeiras do edificio.

«Podemos agradecer á Providencia que aquella homem não se apresentasse, continuou Holmes.

«Combede-o?»

«Oh, muito bem! murmurou Harry Taxon com voz quasi extincta. E' Brown, o acrobata do circo Landola.

«Nem mais nem menos. Não devemos perdê-lo de vista um segundo sequer. Olha... Lá em cima tratam agora de fixar solidamente a escada de corda ao patibulo da janella. A escada balança-se no espago. Prompto... agarrou-se!

«Não teremos tempo de saltar já as grades e de deixar ainda a mão ao sujeito?

«Nem pensar n'isso, tornou o mestre.

«Estaremos lá em cima quasi tão depressa como elle, deixa lá.

«Tenhamos ainda um pouco de paciencia.

«Se seguirmos á risca o nosso primitivo plano, entraremos no hotel e poderemos escutar a conversação entre ambos, que ha de por certo esclarecer bastante não só o suicidio de Brock como o attentado contra D. Alfonso Mendoza.»

Harry contemplava agora com vivo interesse a ascensão do acrobata que trepava degraup por degraup a comprida escada de corda, balançando-se terrivelmente no espago.

Era realmente admiravel o arrojo e a agilidade do homem.

Só presenciar esta scena fazia vertigens. Finalmente Brown chegou ao terceiro andar: dois braços de mulher enlaçaram-lhe o tronco e puxaram-no para dentro.

Em seguida, a escada foi de novo içada e a janella fechou-se.

Acto continuo apagaram lá dentro a luz.

«Chegou a nossa vez, murmurou então o criminalista. Vamos. Toca a chegar depressa até á grade...»

«Curva-te bem. Temos que avançar agora como os Pelles Vermelhas. De rastos...

«Tenho a certeza que lá em cima observam, de dentro da vidraça, se a escada de Brown teve testemunhas...

«Com indescriveis cautellas, confundindo-se com a sombra e aproveitando os menores obstaculos para se occultarem, os dois companheiros chegaram até ao gradeamento, junto do qual ficaram estendidos e immoveis durante algum tempo.

Por fim, como se não tornasse a abrir a janella do terceiro andar, e se não ouvisse lá dentro o minimo ruido, decidiram saltar para dentro do parque.

A passagem da grade fez-se sem incidente.

Uma vez lá dentro, foram indo, de arvore em arvore, até se encontrarem em frente da porta de serviço.

Sherlock Holmes reflectiu um instante.

Depois com um gesto decidido, fírou do bolso uma gazua marca «Universal» e abriu a porta com a maior facilidade d'este mundo.

Apenas entraram no sombrio corredor, o arrojo do criminalista fecho novamente a porta e acendeu a lampada electrica de algeibira que trazia sempre comigo.

A meio do corredor, pouco mais ou menos começava a escada pela qual se servia habitualmente o pessoal do hotel.

«Vamos, Harry, sobe. Mas cuidado onde pões os pés... Os degraus são de madeira e podem ranger.

Admirar-me que um hotel d'esta cathogoria não possa permitir-se o luxo de uma escada de ferro fundido, ou mesmo de pedra.

«Se algum dia rebenta aqui um incendio, os creados não tem outro recurso senão alirarem-se das janellas abaixo.

«No primeiro andar paramos.

Sherlock Holmes pôz na bocca o dedo indicador, ordenando silencio.

«Diabol murmurou elle. No corredor de cima ha qualque coisa que mece... Não me era nada agradável que nos surpreendessem a esta altura...

«Não digo nada, respondeu Harry no mesmo tom, apurando quanto podia o ouvido. Provavelmente são os ratos...

Em vez de explicar, Sherlock Holmes agarrou-o de repente pelo braço e deslousou com elle até uma reentrancia da parede, onde ficavam totalmente occultos os senhores.

Era tempo. Mal se tinham escondido ali, viram um homem descer cautellosamente a escada, encorregando ao longo do corrimão.

Ao chegar ao fundo saltou para o chão e pôz-se a espreitar o corredor com gesto inquieto.

O proprio corpo de Sherlock Holmes pulsava mais devagar n'esse momento. A poucos passos de si acabava de reconhecer Brown, o acrobata.

Bastava um salto para o ter invencivelmente dominado de surpresa.

«Ainda não, sopron o mestre ao ouvido de Harry Taxon, ao adivinhar este pensamento no cerebro do discipulo.

«A todo o tempo é tempo...

Mal tinha acabado de pronunciar estas palavras quando Brown, depois de menear a cabeça n'um gesto satisfeito, tornou a subir com a ligeireza de gato até ao terceiro andar. O bandido nada tinha certamente notado de suspeito.

No alto da escada distinguiram perfeitamente Holmes e Taxon um vulto branco de mulher que era sem duvida a amante de Brown.

«Então, ha alguma novidade? perguntou ella em voz baixa.

«Nenhuma, tornou o outro.

E entraram ambos para um quarto.

«Vamos, disse então Sherlock Holmes para o seu companheiro. Agora temos o caminho livre.

Subiram, com toda a cautella, até ao terceiro andar. Dentro de alguns minutos, sem fazer o mais ligeiro ruido, acharam-se em frente da porta do quarto onde tinham entrado Brown e a sua amante.

«Máu... Agora não tenho necessidade de me demorar mais tempo, dizia lá dentro Brown com modos bruscos.

«Arranja-te como puderes.

«Esta noite ainda tenho fatalmente que sair de Londres: estou muito pouco seguro, aqui...

«Não me atrevo, Teddy, dizia a mulher.

«Viste bem se não estás ninguem acordado em casa? da jurar que senti ha bocejo ranger a porta de serviço e pareceu-me até ouvir algem surr a escada devagando...

«Que disparate, Alice! replicou Brown. Parece que andas a sonhar com phantasmas. Não tenhas cuidado: estão todos a dormir. O que tu queres é um pretexto.

«Com trezentos diabos! E' melhor não me puxares pelo genio... O teu dever agora é ajudarme a sair d'esta casa... Podes ter a certeza: se me agarram, digo tudo o que tenho a dizer.

«Se não nos mós da policia, não deo ficar sabendo que foste tu quem me arrastou para a vadiagem e para o crime.

Alice souteu um risinho abafado de despezo por aquella ameaça, mas um pouco nervoso, como se realmente lhe tivesse causado algum pavor.

«Covarde! Ameaças-me de me comprometter, quando foste tu o teu irmão Morris que arranjaram a historia toda!

«Parece-me que não és lá muito forte de memoria, replicou Brown.

«Queres que te conte outra vez o caso do millionario americano que ha dez annos, em Nova York, conduziu a uma cilada?

«Eras n'esse tempo creada de quarto no Hotel União, e os aposentos de Mendoza estavam a teu cargo...

«O plantador, que era rapaz novo e amigo de se divertir, começou a olhar para ti, porque já n'esse tempo eras a linda eschopa que ainda hoje és. Sabias muito bem entender a rede e pente novo e rico...

O Mendoza caiu como outros. Marcaste-lhe uma entrevista em Riverside Park, á beira do Hudson... Tu sabias que o mexicano e o seu companheiro de viagem iam ao circo n'aquella noite, ao circo do Landola, que era amigo de infancia de Mendoza.

«O plantador disse-te que depois do espectáculo terias provavelmente que estar em companhia dos outros no restaurante do *Mendo Divrado*.

«O estado de alegria em que o Mendoza te appareceu depois da cea favorecia singularmente os teus diabolicos planos.

«Quando elle te appareceu de madrugada no local combinado, começaste a fazer beicinho por elle se ter demorado tanto.

«Depois, atrahiste-o ao sitio onde eu estava emboscado.

«Não foi para repartires comigo a *massa* do homem, não. O caso era outro. Tu és que não te atreavas sózinha a dar conta d'elle, e por isso precisavas de mim...

«O homem fez-me pena.
«A principio nem sequer pensei em o mandar d'esta porta para melhor.

«Foste tu que me metteste isso em cabeça.
«Por mim, governava-me muito razoavelmente. Tu bem sabes. Trabalhava em contrabandos civis, tinha muito que fazer e não precisava por isso de sujar as mãos de sangue para ganhar o pão de cada dia.
«Eu não era um vadio e um malandro como meu irmão Morris, que tinha sido corrido de todas as lojas onde estivera empregado por causa das suas constantes infrações e que por ultimo apanhara o vicio da bebida e fingia trabalhar no porto.

«Excusas de estar a fazer pouco d'elle, interrompeu Alice; era mil vezes melhor do que tu.
«Antes me tivessees accedido ás propostas que elle me fez, do que ligar-me a ti, nem eu sei bem porquê.

«Apezar do dizeres que era um malandro, o caso é que elle mexeu-se e fez fortuna, no passo que tu não conseguiste passar de um reis salimbão....
«Pois tivesses-lhe accedido ás propostas, tornou Brown, ironico. Elle bem fez por isso. Segue-te como um cão....

«Por isso me não admirei que elle apparecesse quando traziamos a caixa da carteira do mexicano.
«Durante dez annos jurei que m'as havia de pagar.... Pedir-me primeiro para atirar com o homem á agua e depois pregar-me á tração um soco na nuca que me fez perder os sentidos é a maior das canalhices.

«Nunca me hei de esquecer do momento em que uns búrqueses me tiraram de dentro de agua com um croquet.

«A minha raiva era tamanha que não sei como me não atirei contra ella vez á agua, tão perdido estava de cabeça.

«E ainda mais damnado fiquei quando li dias depois nos jornaes que um rico plantador mexicano, atraído ás margens do Hudson por um tal Teddy Bowler, que era o meu nome certo e ali fora roubado e atirado á bahia.

«Está claro que fui direito ao hotel. Mas tu tinhas-te raspado com o patife do meu irmão....

«Calculavas tu, assassino, que eu não sabia que tinhas vindo com elle para Londres, que viveram aqui alguns annos na melhor das amizades, embora não morassem juntos?

«O attentado contra Mendoza ligava-vos a ambos. Só por medo é que disséste, quando por acaso te appareci ha dias, a morsada do meu irmão.

«Só por medo é que estes dias tens tentado seduzir-me e tentas prendello convencendo-me que accorreu em ti o velho amor d'outras tempos.

«E o teu medo não te enganou, não. Juro-te que

te estrangulo aqui mesmo se me não indicares qual é o quarto em que dorme o tal Mendoza!

«Foste tu que m'o disséste. Foste tu quem me prevenias que Mendoza e a sobrinha estão neste hotel. Trata de me guiar a quanto antes....

«Nunca! nunca! respondeu Alice.

«Podes levar o meu dinheiro, podes levar tudo quanto tenho, mas no Mendoza não tocas.

«Bem sei, minha joia! tornou Brown com um riso de sarcasmo. Estás a reservá-lo para o intrujarás outra vez. Queres o roubo só para ti....

«Conheço-te muito bem, não é com essas que me convences.

«Faz o que quizerses do teu dinheiro e gosa-o com tanta azule. O que eu quero é saber onde é o quarto de Mendoza.

«Palerma! Então imaginas que elle não tem servido de nada as flocos que tem tido as vistas? exclamou Alice. Talvez supponhas que ainda é o mesmo parvo de ha dez annos, e que traz consigo toda a sua fortuna em notas do banco.

«Pois enganas-te. Não encontras um *shelling* no quarto d'elle.

«Mendoza faz as suas despesas diarias com dinheiro que vai todas as manhãs levantar ao banco.

«E' me indifferente, tornou Brown, com voz surda. Ainda que elle não tivesse nem um *shelling* de seu, nem por isso deixaria de me raspar esta noite, depois de ter ajustado contas com elle.

«Não me hei de demorar muito tempo com palestras, como hontem á tarde em casa de meu irmão Morris.

«Fui estúpido, d'illo lhe tempo a que pregasse com uma bala nos miolos.

«Este ha-de morrer de minhas mãos, a nunca mais ha-de tornar-me a inquietar na minha vida.

Fez-se um curto silencio. Alice respondeu:

«Bem, dir-te-hei por onde vaes dar ao quarto d'elle.

«Mas em caso nenhum te acompanho até á porta.

«Nem é preciso, retorquiu Brown. Basta que me ensines exactamente onde é. Para o resto dispensao a tua presenca.

«Mas livra-te de me armares alguma cilada....

«Tão certo eu chamar-me Teddy Brown e não hesitar um instante se me desafiasses a trepar ao alto da torre de Londres, juro-te que se fôr preso por tua causa não ficará em bons lencas. Se me fizerem uma gravata com uma corda tambem tu ha-de ter esse luxo....

Sherlock Holmes e o seu companheiro ouviram ainda a exploração da mulher, indicando que Mendoza tinha tomado um quarto na frente do hotel, no segundo andar e com janellas para Piccadilly.

Numeros dos quartos: de vinte a vinte e dois.

Brown despediu-se do amante, e mal os dois criminalistas acabavam de se esconder a um canto, já o bandido abria a porta e desliza-a cautelosamente ao longo do corredor.

CAPITULO VI

Uma carambola desagradavel

Já Sherlock Holmes e Harry Taxon se preparavam para seguir no encalço do acrobata, quando dentro do quarto, ouviram a voz de Alice, que monologava nervosamente.

«Não, dizia ella, não posso consentir n'isto. O assassinato não ha-de elle fazer.

«Fui matola em me deixar intimidar com as ameaças d'elle e em lhe dar indicações certas sobre os quartos do mexicano.

«Mas ainda que elle se não engane no caminho, tão facilmente não conseguirá o que deseja. O patife não sabe que Mendoza traz sempre consigo dois homens de absoluta confiança que o guardam dia e noite.

«E' claro que elle é preso, e mais claro ainda que va denunciar-me.

«Se consigo porfim fallar com Mendoza antes que elle chegue, talvez depois ninguém dê credito ás suas accusações....

«Felizmente, sei um caminho mais curto. Preciso fallar com o mexicano e é para já....

No mesmo instante, Alice saiu do quarto e desceu rapidamente á escada de serviço até ao segundo andar.

Ali, tomou por um corredor estreito que devia certamente condurir á parte fronteira do hotel.

Sherlock Holmes e o seu fiel discípulo seguiram-na sem que ella desse por tal, e só quando de repente Alice se voltou, como que n'um presentimento, reparou nos dois companheiros.

O criminalista, prevendo que ella ia dar um grito, pôz-lhe subitamente a mão na bocca.

«Silê! Nem um grito, menina Alice, disse elle com voz baixa. De contrariar va immediatamente presa. Somos ambos da policia e vigiamos o seu amante Brown, que ha pouco esteve no seu quarto.

«Vimolo subir á escada de corda que a menina lhe deitou da janella e escutámos a conversa toda que tiveram ambos.

«Sabemos que tencionava prevenir Mendoza contra o attentado de Brown.

«Pois bem. Leve-nos immediatamente ao quarto

d'elle pelo caminho que sabe, e promettemos-lhe que a não havemos de comprometter....

«Pelo amor de Deus, senhor... Não faga a minha desgraça....

«Sim, sim! Vou conduzi-lo ao quarto de Mendoza. «Quanto ao crime de ha dez annos, estou amargamente arrependida. Não imagina....

«Bem, bem. Deixemos nos de lamentações escusadas. Cada segundo que se perde é um tempo precioso.

Rapidamente, Alice conduziu-os até em frente de uma porta, na parte media do edificio.

Brown não tinha chegado ainda, mas não devia tardar, porque já se lhe sentiam as passas na escada.

«Vamos, avie-se, disse Sherlock Holmes, com impaciencia.

«Qual é a porta?»

«Esta responde a rapaziça pallida de alligão. O celebre criminalista tirou do bolso a garrucha universal e abriu-a num momento.

A sala de entrada estava completamente ás escaras.

A lampada electrica de algebeira começou outra vez a funcionar.

Dentro, ouvia-se um ressonar ligeiro.

Os tres continuam a respiração o mais possível.

No mesmo instante, chegaram-lhes ao ouvido os passos do acrobata, que desliza-a já proximo da porta. Em poucos segundos, Brown arrombaria a porta. A providencia de Sherlock Holmes, contudo, evitou-tu tal trabalho.

Para mais facilmente o apanhar, deixára a porta apenas encostada, e escondeu-se atraz, com Harry Taxon, como o tigre prompto a saltar sobre a presa. Brown entre-abria a porta e ficou um instante surprehendido.

Admirava-se certamente que se tivessem esquecido de se fechar.

Depois, cheio de resolução, abria-a completamente e entrou.

Mas os labios descerraram-se-lhe n'um grito de pavor, e o olhar incendiou-se-lhe n'um clarão de odio.

Acabava de se sentir solidamente agarrado pelo pescoço.

Imediatamente as lampadas electricas encheram de luz o quarto e o corredor.

No aposento contiguo sentiram-se passos precipitados. Abriu-se outra porta, de par em par, e o plantador mexicano appareceu, de revolver em punho, ao passo que ao limiar do aposento fronteiro assomava a figura branca de sua sobrinha Dufresne.

A scena tinha um aspecto verdadeiramente theatral, e augmento de interesse quando Alice se foi prostrar de joelhos aos pés de D. Alfonso de Mendoza e do interior surgiram dois athleticos negros de trecho

inteiramente hu, que se lançaram sobre os contendores.

Sherlock Holmes não contava com a intervenção dos dois homens que se lhe agarraram cheios de furor. Para se desembaraçar d'elles, viu-se obrigado a apanhar os dois revólvers.

As apanhar-se livre, Brown não teve um segundo de hesitação.

Com vertiginosa rapidez atravessou o corredor e desapareceram, sem que o pudessem deter uma bala que Sherlock Holmes pôde disparar ainda.

— *Valga-me Deus!* exclamou D. Alfonso de Mendoza, ao comprehender quanto tinha sido inoportuna a intervenção dos seus homens.

— *Jumbo! Nimrod! Não toquem n'esse senhor!*
«Sr. Sherlock Holmes, desculpe-os... Como o não conhecem...

Não havia tempo para cumprimentos. Em poucas palavras, o criminalista disse que era preciso reaverem Brown, custasse o que custasse, e a perseguição começou.

Harry Taxon ia á frente de todos.
Foram surpreender o acrobata quando este abria já uma janella para saltar.

Como visse, porém, que ia ser agarrado, abandonou a tarefa e começou a correr através dos longos corredores, descendo e subindo escadas, para desorientar assim os que o perseguiram.

Mais de uma vez esteve prestes a ser apanhado, conseguindo sempre livrar-se das mãos de Sherlock Holmes e dos athleticos negros.

De subito, no quarto andar, saltou para o parapeto de uma janella e deitou as mãos ao beiral do telhado.

Os circunstantes recusaram de horror mas puderam ver ainda como Brown, com inimitável agilidade, se conseguia irar sem incidente, desaparecendo aos olhos de todos.

Mendoza ficou um tanto inquieto, embora Sherlock Holmes lhe assegurasse que havia de apanhar outra vez o bandido.

De repente, o criminalista lembrou-se da creada de quarto, que ficava em baixo, nos aposentos do millionario.

Encarregou o discípulo de ir a toda a pressa evitar que a antiga cúmplice de Brown fugisse do hotel. Judiciosamente o fez: Harry Taxon surpreendeu Alice precisamente no momento em que ella se preparava para desaparecer.

Na presença de Mendoza e do dono do hotel, que entretanto acudira ao estouro da perseguição, Sherlock Holmes sujeitou logo a mulher a um apertado interrogatorio.

Alice assegurava, lavada em lagrimas não ter tido interferencia alguma no attentado dos annos antes commettido contra Mendoza.

— Todas as accusações que Brown me fez, dizia ella, são tudo o que ha de mais falso.

«Apenas confesso que o conheci em Nova York.

— Bem, n'esse caso vejamos o que diz D. Alfonso Mendoza, tornou Sherlock Holmes, tranquillo.

«O seu depoimento é preciso para aclarar alguns pontos obscuros da questão.

E voltando-se para o proprietario mexicano, continuou:

— Recordo-se de ter conhecido esta creada ha dez annos em Nova York?

— Perfeitamente, respondeu Mendoza. Pouco tem mudado durante tanto tempo: está apenas mais forte.

Mas reconheço-a, sem a menor duvida.

«Por que, se alguma duvida tivesse a tal respeito, o signal que tem na face esquerda encarregar-se-hia de m'a desfazer.

«De resto, se ella me não conhecia, porque razão se lançou aos meus pés quando se deu ha bocado a scena a que assistiram?

«Foi o remorso que a prostrou de joelhos. Era o perdão que ella pretendia obter, e que uma creatura tão objecta não merece jamais.

«Foi ella quem me atrahiu a uma cidade de morte, com o maior sangue frio e a mais refinada hypocrisia.

«Escapou d'essa vez por inexplicável milagre.

«Apenas d'aquella vez me fui instalar no Hotel União, e logo elle começou a captar-me logo para me arrastar á emboscada de que fallei.

«Não se descreve a gentileza que tinha para o compimento. Tudo eram palavras doces, olhares ternos, promessas...

«Conseguiu assim que eu accedesse a uma entrevista nocturna num ponto isolado das Margens do Hudson, onde o individuo que ha pouco nos escapou cala-se bre nimm e me fez na testa o enorme ferimento cuja cicatriz me acompanhará até ao tumulo.

«Depois, auxiliado por outro bandido, atirou-me á agua.

«Não conseguiram assim realizar a sinistra intenção de me assassinarem.

«Roubaram-me, é certo, uma consideravel somma em notas do banco, que eu trazia sempre comigo apesar dos judiciosos conselhos do sr. Sherlock Holmes, mas não pudei roubar-me a vida.

«A temperatura fria da agua fez-me recuperar os sentidos.

«Nadei, num esforço supremo até á margem fronteira de Hudson, onde de novo caí sem forças.

«Quando acordei, achei-me no hospital, onde permaneci durante longos mezes, entre a vida e a morte, até que pude finalmente regressar ás minhas propriedades no Mexico.

— Então, menina Alice, disse Sherlock Holmes para a creada, persiste ainda em negar?

«Quer contestar ainda que tenha fallado com D. Alfonso Mendoza em Nova York e o tenha reconhecido em Londres?

A mulher conservou-se em silencio.

— Falle, falle! exclamou o criminalista com energia.

«Confesse que iniciou de novo o seu cumprimento contra este senhor, apenas viu que elle se encontrava em Londres...

— Foi hoje a primeira vez que fallei com Brown, marmaron Alice, curando.

— Isso não é verdade! Um collega do seu amante viu ainda hontem acompanhá-la ao hotel!

«Já hontem a menina o preveniu que lhe facilitaria hoje entrada no hotel por meio d'uma escada de corda...

«A menina é tão perigosa como elle. Não merece piedade. Tem de ser entregue á policia.

— E' essa tambem a minha opinião, interrompeu o proprietario do hotel. Nunca supuz que tivesse uma ladra d'esta força entre os meus empregados.

— Ha quanto tempo está ella ao seu serviço? perguntou Sherlock Holmes.

— Ha cerca de meio anno, respondeu o proprietario.

«Accostei a em vista dos excellentes documentos que apresentou e que, muito provavelmente, são falsos como Judas.

— Nunca notei que tivesse relações suspeitas com algum?

— Não; a não ser que queira considerar como tal as que mantinha com um agiota de má fama chamado Block, de Bakerstreet.

«Quando vi ha bocado o individuo que os senhores perseguiram, até julguei a principio que fosse Block em pessoa, tão frisante e á semelhança entre ambos.

«O seu depoimento é importantissimo, ponderou o criminalista. Serve para demonstrar que ha já alguns mezes Alice mantinha relações intimas com um cúmplice antigo.

E voltando-se para Harry Taxon, proseguiu:

— Poderes estar certo, que foi esta creatura quem deu a Brown a morada do irmão.

«Mas vejo que estamos a perder tempo.

«E' preciso que encontremos quanto antes a pista do bandido.

— Quer que previna a policia pelo telephone? perguntou o dono do hotel.

— Faz-me favor, tornou Sherlock Holmes. Esta mulher deve ser immediatamente posta em lugar seguro. Ainda que não consideremos os seus crimes antigos, é motivo sufficiente de prisão o facto de proporcionar entrada no hotel a um gatuão, a horas mortas de noite, por meio de uma escada de corda.

Poucos minutos depois a policia comparecia em Park Hotel, e dava a voz de prisão á creada de quarto depois de a submeter a um interrogatorio summario.

N'esta altura é que se revelou o verdadeiro caracter da criminalista.

Praguejava e vociferava como uma possessa.

Cobria de insultos todos os circunstantes e arre-messou-lhes á cara as mais sinistras ameaças.

Sherlock Holmes e o seu companheiro não perderam tempo. Mesmo n'um quarto do hotel puseram cadeiras e barbas postigas que tinham trazido de casa preparando-se para esperar a chegada do fugitivo.

Mendoza pediu-lhes que voltassem no dia seguinte de manhã e o proprietario do Park Hotel desfor-se em agradecimentos por terem evitado que em sua casa se consummassem n'aquella noite um orime hediondo.

CAPITULO VII

Em busca de um bandido

Sherlock Holmes e Harry dirigiram-se ao jardim de Kensington.

— E' impossivel que Brown saia de Londres com o fato com que entrou na pantomima, disse o mestre. A estas horas não pode arrastar outro senão no circos. Aceitemos pois a hypothese e vamos até lá.

«Talvez tenhamos a sorte de o prender antes que tenha tomado comboio em qualquer estação de Londres na direcção de Southampton.

Harry Taxon concordou, e puseram-se a caminhar rapidamente.

Irão talvez a meia distancia quando encontraram de repente Taylor, o clown que os tinha orientado horas antes.

Sherlock Holmes reconheceu o logo.

— Então ainda a pé, sr. Taylor?

— Como está vendo, respondeu o artista, surpreendido por ter na sua frente dois homens que lhe eram por completo desconhecidos.

O genial criminalista adivinhou-lhe o pensamento.

— Vamos, disse elle. Escusa de ter receio. Talvez não sejamos tão estranhos como lhe parece á primeira vista.

«Encontrámo-nos hoje no restaurante do circos Landis.

«Estava commoço o seu director. Lembra-se? Eu tivemos conversando a respeito de certo collega seu,

chamado Brown. Creio que Landola lhe deve ter contado lá na proeza d'esse cavalheiro.

— Ah! E' o senhor, exclamou Taylor satisfeito. Já agora precisamente procurei o a Park Hotel. Encontrou lá o patife do Brown?

— Encontrei. O senhor vem agora do circo?

— Exactamente.

— E não viu Brown pelo caminho? Imagine que nos fugiu do hotel, e supponho com fundamentadas razões que voltou ao circo para mudar de faze.

— Não se enganou, sr. Sherlock Holmes, respondeu Taylor com vivacidade. O homem foi com effeito lá. abriu a mala e levou umas coisas consigo.

— Sei que vai abanar a *Lanterna Vermelha*. Se nos não demoramos nos encontramos-o lá com toda a certeza, pois o homem saiu carregado e não pode andar muito depressa.

— Terá elle desconhecido que o senhor o segue?

— Estão certo que não.

— O senhor mantinha boas relações com Brown?

— Conforme. Grandes amizades não existem entre artistas de circo. Ha as invejas, as intrigas...

— Mas, devo confessar-lhe, de todos os seus collegas, era eu que lhe inspirava maior confiança.

— Ainda bem, disse Sherlock Holmes. Diga-me: suppe que Brown fugisse do senhor, se o encontrasse por acaso a esta hora?

— Não creio, tornou o clown.

— N'esse caso vamos tentar uma experiencia.

— O senhor vai-lhe no encalço, e apenas o veja, chama-o naturalmente.

— Como elle o conhece á legua, não deita com certeza a fugir até que o senhor chegue junto d'elle.

— Entretanto, não appareçamos por outro lado, e delatamos-lhe a mão de surpresa.

— O essencial é que o entretinha e mais tempo possível com uma historia qualquer.

— Perfeitamente, sr. Sherlock Holmes. Verá que vai ficar satisfeito commigo.

— E' provavelmente, a captura de Brown já foi posta a premio pela policia...

— Engana-se, meu amigo, retorquiu, sorrindo, o criminalista. Mas eu arranjarrei com que seja recompensado.

— Quanto é que posso ganhar?

— Cinco libras tem o meu amigo certas se o estratagemas der bom resultado.

— Conchem-me, respondeu simplesmente o clown. E' dinheiro...

— Não ha duvida, acrescentou Sherlock Holmes. Agora o principal é pormos o nosso plano em execução e mais rapidamente possível.

Taylor apressou o passo, emquanto os outros tomavam por uma rua transversal, para lá apparecer mais

longe na mesma rua como quizesse pacatos transeuntes.

— D'alí a pouco viram com surpresa o seu delegado chegar junto de Brown e sem se deter a conversar conforme esperavam, agarrou n'uma das argolas do sacco de viagem e desapareceu rapidamente com elle na sombra do parque.

— Com mil demônios! exclamou Sherlock Holmes, contrariado. Aqui está o que se chama ir buscar lá... O clown está com certeza feito com elle.

— Não rias, Harry; quer isto dizer que não ha ninguém infallivel.

— O que é extraordinario é que eu me tivesse deixado cair n'um estratagemas tão simples!

— Agora, toca a caminhar depressa, para não deixarmos fugir os dois melros.

— Ao menos, serve nos isto de lição.

— D'alí a algum tempo tornavam novamente a avistalar-se, mas os homens, mettendo por varias ruas e travessas, conseguiram tornarem-se outra vez invisiveis.

Por ultimo, quando desesperavam já de os tornar a encontrar, viram-n'os n'uma viella sordida, só frequentada por bebodes e rufões e mulheres perdidas.

— Nessa rua havia uma taberna de aspecto reles, cuja porta se distinguia na sombra por um lampião encarnado.

— Já jurar que os patifes entraram na taberna vermelha, disse Sherlock Holmes.

— Vamos verificar.

Ainda não tinha acabado de pronunciar estas palavras, quando sentiram de subito um grito estridido.

— Espera! Parece que asaltaram agora alguem...

Alí, atraz d'aquella saliência do muro...

— Depressa!... Vamos depressa!...

Em poucos instantes estavam no logar indicado.

Sobre o lagado da calçada contorcida se um homem, não muito de um lago de sangue.

Era o clown.

— Então, sr. Taylor, perguntou Sherlock Holmes, curvando-se para elle. Que foi isto?

— Foi esse canalha, esse assassino...

— Dei-me um facada... em pleno peito...

— Foram os agradecimentos pelo meu espirito de camaradagem...

— E pela sua deslealdade, acrescentou o criminalista.

— Porque motivo é que Brown o feriu d'essa maneira? Parece que lhe chego com vontade...

Taylor argumentava.

— Sim, que se me vão as forças... Parece-me que estou ferido no coração...

— Mas foi bem merecido, sr. Holmes. Eu não devia ter atrelado...

— Quando exigi de Brown o prometido premio do

serviço que acabava de lhe prestar dizendo-lhe que estava sendo perseguido, paguei-me assim...

— Mas o canalha... não ha de escapar ao castigo...

— Eu sei onde elle está...

E como lhe custasse já fallar, o muribundo fez um pequeno esforço, ergueu o braço e apontou na direcção em que Brown fugira.

— Está... ali...

E aqui, fulminado.

— Taylor quis-nos indicar a *Lanterna Vermelha*, disse Sherlock Holmes depois de curto silencio.

— O pobre diabo fez-me pena. Foi uma amizade que lhe custou a vida.

— Mas não podemos deixal-o aqui estendido. E' preciso chamarmos um policia.

— O peor é que, entantanto, pode Brown fugir-nos outra vez.

— Ah! vem um guarda nocturno, murmuro Harry Taxon. Provavelmente, ouviu o grito e vem ver do que se trata.

— O rapaz dirigiu-se ao seu encontro.

Quando o guarda chegou junto do cadaver e reparou em Sherlock Holmes, curvado junto d'elle, suppoz a principio ter na sua frente a victima e o criminoso e seguros o criminalista pela gola do casaco.

— Olá, amigol exclamou o guarda. Acabaste de matar e queres agora roubar-o, hein?

— Deixa ver a cara!

Sherlock Holmes olhou para elle sem responder.

— Esperal continuou o recém-chegado. Vamos lá a tirar essa cabecinha...

Já o guarda preparava para arrancar do supposto assassino as barbas e o cabelo quando este fez um gesto tranquillo.

— Não, meu caro, disse elle; tira me antes a carteira do bolso e vê o que lá está dentro.

O guarda obedeceu, curiosamente.

Apenas, porém, examinou o cartão de identidade, modificou logo as suas maneiras brutas.

— Desculpe-me, sr. Holmes. Creia que o não reconheci.

— Que enorme fiasco se eu o levasse preso até á esquadra!

Em poucas palavras Sherlock Holmes pôl-o ao facto do que se tinha passado e acrescentou:

— Até me contem muito ter encontrado aqui o meu amigo, porque me vai fazer um favor.

— Dirij-se á esquadra mais proxima e volte até aqui com alguns policia, mas dos mais robustos.

— O individuo que pretendemos agarrar deve encontrar-se agora na *Lanterna Vermelha*.

— Não ambos ficamos aqui e não perdemos entantanto da vista a porta de taberna.

— Voltem o mais depressa possível, porque o bandido não se demora muito lá dentro.

«A intenção d'elle é estar em Southampton dentro de poucas horas, para seguir d'alí até Baltimore no primeiro paquete.

«Esteja descansado, sr. Holmes, respondeu o guarda.

«Em poucos minutos estaremos aqui.

Sherlock Holmes e Harry Taxon dirigiram-se para a *Lanterna Vermelha*.

Ainda lá não tinham chegado, quando viram sair um individuo correctamente vestido, que parou um instante, olhando para o para e sítio onde jazia o cadaver de Taylor e seguiu rua abaixo.

— Ah! o teu, disse o mestre em voz baixa para Harry Taxon.

«Mudou de faze lá dentro e deixou ficar a mala.

«Conheço-o pelo vulto.

«D'esta vez não ha de elle escapar nos!

«Tu ficas aqui, Harry.

«Brown vai com certeza comprar bilhete á estação de caminho de ferro mais proxima.

«Apenas cheguem os agentes, previne-os e vão lá ter commigo.

Sherlock Holmes soubera prever bem. O criminoso dirigiu-se com effeito ao caminho de ferro, sem suspellar por certo que era seguido, e só em frente da estação é que parou e eilhou para traz, n'um gesto vagamente inquieto.

Como nada lhe despertasse a attenção, entrou resolutamente na sala do restaurante.

Atravez da ampla vidraça, o criminalista, protegido pela sombra, não podia perder um unico movimento do bandido.

Viu o popar disfarçadamente n'um jornal, não para ler, mas para examinar á vontade se era observado por alguém fingindo-se aborrido na leitura.

D'alí a algum tempo, viu-o ainda chamar o credo do bufete e pedir a lista.

— Ah! pensou Sherlock Holmes. O sujeito vai restaurar as forças para a viagem...

«Tambem não admira. A fuga pelo telhado, a corrida para o circo e para a taberna, devem tel-o suficientemente esgotado.

«Ea proprio estou com fome e talvez d'aqui a pouco faça o mesmo...

Alguns minutos depois, chegavam os policia que tinham requisitado ha pouco.

— Meus amigos, disse o criminalista. Os senhores entram com todas as cautellas para a sala de espera, contigua á do bufete, enquanto eu vou tentar umas palestras com o sujeito.

«Em eu voltando a cabeça para a porta envidraçada, é o signal. Entrem e prestem-me o auxilio que as circumstancias aconselharem.

Holmes escondeu-se algum tempo atraz de uma porta, e os policia, com Harry Taxon á frente, vi-

ram d'alá a instantes sair de lá um indivíduo correto e grave, de cabelo e barba completamente brancos, com e n'ar um pouco avermelhado.

Apezar de muito habituado aos disfarces de Sherlock Holmes, custou-lhes a reprimir um grito de admiração.

O pseudo-viajante entrou na sala do buffet, silencioso e tranquilo, como se não tivesse a menor pressa.

Depois de uma aparente hesitação, sentou-se à mesa onde Brown estava comendo, pedindo licença como a maior delicadeza.

O sorobá, ainda que contrariado, não pôde impedir que o recém-chegado se sentasse na sua frente. O criado trazia n'essa ocasião um soberbo prato com frutas, entre as quais se viam alguns pécogos de excelente aspecto.

—E' uma fruta deliciosa, commentou Sherlock Holmes. Para mim, a melhor de todas.

—E' servido? perguntou Brown sem de longe suspeitar que queria falava.

—Muito obrigado, tornou o famoso criminalista, com um sorriso tranqüillo. Tenho receio que estejam um pouco sobre o verde, e o meu estomago já não é dos melhores.

—Creio que se engana, disse o outro, insistindo. E depois de morder um dos pécogos, mostrou-o ao seu interlocutor.

—Vá? Repara como está acinzentado... Sherlock Holmes pegou no fruto e examinou-o de perto, como se admirasse o seu grão de amarelamento.

Na realidade porém, era outra coisa o que procurava verificar: as dedaças que na tarde da véspera tinha estado n'outro fruto semelhante.

E assim, adquirida mentalmente uma inabalável convicção, voltou distraindo a cabeça para a porta envidraçada.

No mesmo instante, dez agentes de policia, acompanhados por Harry Taxon, irromperam pelo buffet de revolvers em punho.

Brown só tivera tempo de empallidecer terrivel-

mente. N'um abrir e fechar d'olhos, estava preso e algemado.

—Vamos, disse Sherlock Holmes levantando-se. Agora é chamar uma carruagem e mandar bater para casa do chefe Gordon.

«Veem este bocado de pécogo?

«E' a prova incontestável que foi este homem quem se encontrou hontem em casa de Morris Bloch quando este se suicidou. Revela as impressões digitais n'um fruto identico que se me deparou na sala do agiota, e comparando-as com as que este apresenta, Gordon convencer-se-ha de que pertencem ao mesmo individuo.

«Os vestígios na dentada são tambem eguaes. Ambos elles, os do pécogo de hontem e os do de hoje apresentam a mesma falha. Abram a bocca d'esse homem e vejam se elle tem ou não uma defecção no segundo incisivo superior...

Brown, do raiva, nem mesmo podia fallar.

E foi sem ter pronunciado uma palavra que d'alá a uma hora se mostrou em frente do chefe Gordon, que caiu das nuvens ao ouvir da bocca de Sherlock Holmes a refutação completa da sua hypothese da véspera.

Depois de interrogar detidamente o criminoso, não teve mais remedio senão confessar-se vencido pela perspicacia do genial criminalista, que instantes depois de ter entrado em casa de Morris Bloch tinha architetado já a expliação da mysteriosa morte.

Brown confirmou tambem que seu irmão se tinha suicidado sob a influencia terrivel das suas proprias amaeas.

A justica inglesa, averiguados os seus numerosos crimes, condemnou-o a morte.

Alfice expliou n'uma prisão de longos annos o seu passado de infamias.

Assim ficou a humanidade liberta de dois tremendo facinorosos, devido à genial perspicacia e incomparavel energia do maior criminalista moderno, que reconstituiu uma tragedia inteira pela simples observação de um par de pécogos!

FIM.

Ler no proximo numero

A filha do morto

(Aventuras extraordinarias de um policia secreta)

OS DESEQUILIBRADOS DO AMOR

Série de romances psycho-pathologiques

(Por Armando Dabry)

O Amor nas suas diversas manifestações, regu, regu e regu perpetuamente o mundo. Provamos-o estudo das civilizações antigas, os costumes, as crenças e as tradições de todos os povos até a actualidade e a nossa vida contemporânea.

E tudo as aberrações a que as paixões desvariadas conduzem os humanos, tal foi o intuito do auctor ao escrever a série de romances psycho-pathologiques que subscrimos no titulo geral *Desequilibrados do amor*, e nos queos o victimas contra natura, o hermafroditismo, a hysteria, a depravação e assumptos analogos são tratados com mão de mestre.

Dos *Desequilibrados do Amor* achá-se publicado o primeo volume:

O Feticchista

Deveria seguir-se a este interessante romance sobre uma das mais repugnantes manifestações da libidinalidade os seguintes, já no prelo:

Os Invertidos
O Hermafrodita
O Hysterico
Os Fingelantes, etc., etc.

Preço de cada vol. edição de luxo,

nididamente impresso em bom papel

500

REIS

Novidade Literaria

ESCOLA DO VICIO

por Dictionnaire du Sinsay
1 vol. com capa artistica 700 rs.

LEIAM TODOS

O conquistador de criadas

Ultimamente romance d'outras galas
Um grande volume com capa artistica e exatissima gravura 300

RENÉ EMERY

S.ª Maria Magdalena

Renome das longas libellos
I A Paschoa de Formosa
II Chamas de voluptuosidade
III Moth, terra da luxuria
IV Pola senda do amor
V Beijo supremo

1 eleg. sul. em 8.º com artistica capa e 8 cores 700 rs.

COMO SE CONQUISTAM MULHERES

Conselhos a um rapaz
1 vol. ed. de luxo, 600 rs.

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kuntien.

dição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol. in-8.º gr.

300 Rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia. amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes:

- | | |
|-----------------------------------|--|
| 1 Crimes no palacio Jackson | 18 Jackson envenenado |
| 2 O caso d'uma penna | 19 Ressureição de Jackson |
| 3 Evazio d'um tratado | 20 Sarcos da academia |
| 4 Crimes impunes | 21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes |
| 5 Culpa d'um assassino | |
| 6 Um attentado terrivel | 22 Mulheres policia |
| 7 A creança martyr | 23 Um milhio de francos |
| 8 Regate sangrento | 24 As bravatas de um Yankee |
| 9 A falta valiosa | 25 Coração torturado |
| 10 Um drama nas nuvens | 26 O quarto dos mortos |
| 11 Junto da guilhotina | 27 A cabeça cortada |
| 12 Jackson, em poder dos bandidos | 28 O segredo de Lord Jackson |
| 13 O do policia | 29 Traçado pela areia |
| 14 O esquiteo vivo | 30 A derrota dos bandidos |
| 15 Bandidos de casaca | 31 Os mysterios de Chicago |
| 16 A ruína dos apaches | 32 O subterraneo dos cadaveres |
| 17 Duas fegonhas notaveis | 33 Por seguir a mulher |
| | 34 A renuncia de Lord Jackson |

60 cada volume — Serie completa, 2.000 rs.

ARRE

JIU-JITSU

1 vol. edição de luxo com 10 bellas

para a 4.ª classe dos Lyceus

1 volume illustrado 400 rs. — 600 reis

Collección Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionais novidades litterarias estrangeiras—

Volumes publicados

1. Arseneo Lupin, ratone da alta roda, por Maurice Leblanc (Eg. 1. 2. O Homem mysterioso, Guy de Taramond.
2. O assassino de rio, Pierre Gifford. 4. Arseneo Lupin contra Herkolt Sholmes, Maurice Leblanc. 5. Um grilo na treva, Galloway. 6. O Prisioneiro de Marie, G. Le Rouge. 7. O Club dos Ladrões, Henry A. Bering. 8. A Aranha Ireta, Novas aventuras de Arseneo Lupin. 9. Leblanc. 9. O Homem sem rosto, Paul d'Ivoi. 10. A Virgem Versaile, Pierre Gifford. 11. O Canhão do somno, Paul d'Ivoi. 12. Qual dos tres grande romance policia. 13. A. O. Green. 13. A Guerra dos vampiros, G. Le Rouge. 14. O Pirata de Ferris, Max Pemberton. 15. As tres ratonas, sensacional romance d'aventuras! Paul d'Ivoi. 16. Kowa, a mysteriosa por Ch. Foley. 17. 813. (Novas aventuras de Arseneo Lupin) por GM. Leblanc. 18. Em Fúria, por Hen. de Riquier. 19. O Palácio submarino, por Max Pemberton. 20. Um crime tenebroso, por G. Gaupin. 21. A sombra mysteriosa, por Ferns Thome.

Cada vol. in-4.º, contendo a materia de um

350 rs. c c c grosso vol. in-8.º, de 300 c c c rs. 350

UMA OBRA VERDADEIRAMENTE SENSACIONAL

AS MISSAS NEGRAS

Feitiços, diabruras, malefícios e sortilégios
OS AMORES E O CULTO DE SATANAZ

600 rs. Um grosso e elegante volume in-8 gr. rs. 600

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 R\$. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL R\$. 60

A mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa
e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que
formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

- 1 Viriato, o heroe luso
- 2 Roma na Lusitania
- 3 Os barbaros do Norte
- 4 A invasão dos Arabes
- 5 Egas Moniz
- 6 Fundação de Portugal
- 7 O cerco de Guimarães

- 8 Conquista de Lisboa
- 9 Giraldo Sempavór
- 10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
- 11 Tomada d'Alcácer
- 12 Rainha D. Mécia
- 13 O Bolonhez

A seguir:

- 14 O rei trovador
- 15 Rainha Santa Izabel
- 16 A Batalha do Salado
- 17 Ignez de Castro

- 18 Vingança de Rei.
- 19 A Rainha Adultera
- 20 Maria Telles
- 21 Mestre d'Aviz

CAROLUS DIDIER

A ORGIA BIBLICA

Romance passionnal, baseado na narrativa biblica

1 grosso volume, edição de luxo,
magníficas gravuras e capa artistica

700 rs.

NICK CARTER

O celebre policia americano
Aventuras extraordinarias e sensacionais de Imcomparavel dectetive

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Não existe um americano, seja elle quem iôr, que desconheça o nome de **Nick Carter**, e todavia não existe talvez um unico homem em todos os Estados Unidos que garanta conhecer o rosto sympathico do mais celebre policia do mundo! O amigo mais intimo d'este famoso agente, o inspector Mc Clusk, o grande director da policia criminal de Nova York, duvida se alguma vez conseguiu ver **Nick Carter**, tal qual verdadeiramente é.

N'esta verdadeira maravilha do disfarce, n'esta incomparavel arte de se vestir, mudar de aspecto, de physionomia, de voz e de olhar, reside o segredo dos mais increditaveis exitos de **Nick Carter**. E' isto o que lhe permite arriscar-se sem que ninguém o reconheça aos mais audaciosos 'lan' es, entrando tanto nos salões aristocraticos, como nos mais horribes antros onde impera a escumalha da sociedade, onde o vicio vive de mãos dadas com as mais ignobeis orgias.

OS MYSTERIOS DE NOVA YORK cidade que, outr'ora simples aldeia de pescadores, é hoje a segunda cidade do mundo, pelo tamanho, estando no caminho de tornar-se no futuro a Metropole da Terra; essa cidade na qual a vida é alegre ou triste, embraga-lora ou miseravel como em nenhuma outra parte; onde a policia prende um ratuno de 3 em 3 minutos; onde se assassinam de 8 em 8 horas; onde as prisões abarrotam dos mais sinistros personagens; essa cidade dos seus mysterios conhece-os **NICK CARTER**

que narra pessoalmente as suas famosas proezas cada uma das quaes, publicada em volume, fórma um episodio completo.

Volumes publicados:

- 0 rei do crime 2. O ninho dos ratos 3. Demonio femenino 4. O cadaver falsificado 5. O ultimo crime 6. Carruthers. 6. O ranto d'um noivo. 7. Visioho mysterioso. 8. C. ca aos milhões. 9. Um plano diabolico. 10. O rei dos ratos. 11. O rapto da duqueza 12. Historia tragica d'um suicidio. 13. Uma casa de batota. 14. O homem da mão de ebano. 15. As joias de Mr. H. ckert. 16. Um electrico reigoiso. 17. No Casino de Palm Beach. 18. Uma victima da sciencia. 19. O assassinio de Fall River. 20. Aventuras d'um policia no Far-West. 21. O poço de petroleo. 22. O Olho do Diabo. 23. O mysterio chinez. 24. A casa dos sete demônios. 25. A rainha dos sete. 26. O signal de morte. 27. Os demônios do Oriente. 28. Descida de Dazaar aos infernos. 29. O ultimo dos sete. 30. O Resuscitado.

100 rs. O volume contendo sempre uma obra completa 100 rs.

Dr. PEDRO GUERDES

O MEDICO POPULAR

Como nos devemos tratar

Como nos devemos curar

No titulo d'este livro, acha-se sufficientemente indicado o fim a que elle visa. A sua leitura diminuirá a inquietação nas familias, pois as doencas deixarão de lhes apparecerem um aspecto mysterioso que se resente da falta de conhecimentos de medicina

Um volume 8° grande illustrado

de 226 paginas e 1 appendice

700 reis — Elegantemente cartonado — reis 700